

Paulo Costa Lima

Música Popular e
outras Adjacências...



Música Popular e *outras* Adjacências...

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

REITORA

Dora Leal Rosa

VICE-REITOR

Luiz Rogério Bastos Leal



EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

DIRETORA

Flávia Goullart Mota Garcia Rosa

CONSELHO EDITORIAL

TITULARES

Alberto Brum Novaes

Angelo Szaniecki Perret Serpa

Caiuby Alves da Costa

Charbel Niño El Hani

Cleise Furtado Mendes

Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

José Teixeira Cavalcante Filho

Maria Vidal de Negreiros Camargo

Paulo Costa Lima

Música Popular e
outras Adjacências...

EDUFBA
Salvador, 2012

© 2012 by Paulo Costa Lima
Direitos para esta edição cedidos à Edufba
Feito o depósito legal.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Amanda S. Silva

REVISÃO

Eduardo Ross

Sistemas de Bibliotecas - UFBA

Lima, Paulo Costa.

Música popular e outras adjacências... / Paulo Costa Lima. - Salvador:
EDUFBA, 2012.

156 p.

ISBN 978-85-232-0845-5

1. Música popular - Brasil - Crônicas. 2. Crônicas brasileiras. I.
Título.

CDD - 869.98

Editora filiada à



Editora da UFBA

Rua Barão de Jeremoabo, s/n - Campus de Ondina

40170-115 - Salvador - BA

Tel: +55 71 3283-6164

Fax: +55 71 3283-6160

www.edufba.ufba.br edufba@ufba.br

Sumário

Apresentação	7
Águas de Março	9
Vamos ao Shopping	16
Expresso 2222	20
As aventuras de um tamanduá voador	25
Onde está o centro do mundo?	28
Retrato em branco e preto	32
Pêrêquêtê	38
Adeus Macho Contumaz	42
Cultura e arte: 12 temas para refletir	46
Vaselina	53
Guerra aos estultos	55
<i>Fiz uma viagem</i> , de Dorival Caymmi	58
Cultura e Superego Selvagem	65
70 Anos de Amélia	68
Seja breve! No Juízo Final não passa de um pum	72
Ê bumba ê meu boi: uma crônica de Natal	75
Para onde vai o ego?	78
ZAP: foi a vida ou o controle remoto?	81
Tio Milton: anarquia em doze flashes	84
Guerra inter pares: meu amigo tem razão	89
Apologia do sovaco	92
Laboratório de pedagogia	95
Saudades do pituriação	98
Shantung e Crepe Georgette	100
Ou dá ou desce	103
Avisa lá	106
Boutique JP: você gosta de autenticidade?	109

Mídia e democracia	112
Ei, você aí! Me dá um diploma aí...	115
Por uma crítica cultural verde...	119
O mérito é político	122
A violência como atrativo cultural	125
Nas patas do desenvolvimento	128
Dois de Julho: Independência do Brasil (na Bahia)	132
Um bonde chamado cultura e seu intrigante destino	136
O imaginário das cobras	140
Caminhos da análise musical	143
Três Natais	151
Feliz Cheiro Novo!	154

Apresentação

Ao compositor, as batatas! Se faz música, está envolvido em linguagem – está fazendo linguagem, mesmo quando não sabe disso. A música pura morreu, antes ela do que eu.

São invenções essas crônicas e ensaios, a duas vozes, a minha e a de quem imagino poderia estar me ouvindo. Um jogo de sentido e de recepção. Não é isso, linguagem, que você quer da gente, essa suave capacidade de despersonalização personalizadora?

Esses escritos respondem a uma rotina semanal de diálogo com um público mais amplo, convocado através da internet. Não existe foco especial. Talvez, um certo espanto com o rumo das coisas, a paixão da interpretação, a defesa do humor como categoria fundante da composição, tal como vista daqui da Baía de Todos os Santos. A forma curta que pode ser tratada como vatapá de câmara, sopa de acelga ou espetinho de filé, o espírito sopra onde quer...

Uma homenagem especial ao Jobim das Águas de março, Caymmi de Fiz uma viagem e Ataulfo de Amélia, que faz 70 anos de criação. As perspectivas se alargam: um passeio pelo ambiente do Shopping e sua fenomenologia, os novos egos, o elogio inusitado a uma das mais injustiçadas partes do corpo – o sovaco, uma coleção de atitudes pedagógicas bizarras. E mais: a natureza política do mérito, a dimensão gozante da cultura, as inhanhas universitárias, e até um tamanduá voador... Não há limites?

Há sim. A apresentação é enxuta, e esta, a última linha. Obrigado, leitor, e até breve.

Águas de Março

*É pau, é pedra, é o fim do caminho
É um resto de toco, é um pouco sozinho
É um caco de vidro, é a vida, é o sol
É a noite, é a morte, é o laço, é o anzol*

*É peroba do campo, é o nó da madeira
Caingá, candeia, é o Matita Pereira
É madeira de vento, tombo da ribanceira
É o mistério profundo, é o queira ou não queira*

Para entrar numa canção é preciso pedir licença. É preciso reconhecer que se está diante de um espaço diferenciado, um experimento de imaginação. Análise musical é análise do imaginário, mesmo que não saiba disso.¹ Algumas vezes descobrimos com surpresa que a canção também nos ouve e nem pediu licença nem nada.

O que dizer de *Águas de Março*? Vários comentários reconhecem sua força imagética, na esteira da série de células enumerativas que vai projetando sem cessar: é pau, é pedra, é o fim do caminho, resto de toco, caco de vidro, laço, anzol... Trata-se, portanto, de uma coleção de imagens?

Ex. 1 (manuscrito de Jobim)²

Essa análise floresce principalmente nas áreas de comunicação e letras, mas nem sempre dá conta da complexidade do objeto, pois a análise da canção não pode prescindir de um entendimento profundo da música. O que seria de suas imagens sem a teia sonora que as envolve?

Para entender de forma apropriada essa canção é preciso levar em conta a sofisticação musical do autor, e sua capacidade de construir um amálgama impressionante entre texto e música. O exemplo abaixo apresenta a harmonização do início da peça – baseia-se no manuscrito de Jobim, só que transcrito para Dó –, e ilustra uma cuidadosa construção de encadeamentos.

Ex. 2 (primeira frase, transcrita)

A harmonia vai se alterando gradativamente, seguindo linhas cromáticas descendentes³ e o refrão permanece no mesmo lugar (mi - ré - dó). Essa relação entre o traçado harmônico flutuante (porém sequencial/circular) e a melodia estável e repetitiva, apoia a evocação dos ciclos de vida que permeia a canção, dando coloração às imagens.

O texto, por sua vez, cumpre um desígnio inusitado, praticamente elimina os adjetivos e se estrutura basicamente em torno de nomes de coisas. Imagine o contraste com o estilo carregado do início do século: “Tu és, divina e graciosa, estátua majestosa”. São mundos avessos.

Mas há de se observar que Jobim não abre mão da contundência expressiva. Investe na expressividade dos próprios substantivos, um traço modernista – Drummond já dizia: na dúvida entre dois adjetivos, não escolha nenhum.

Esse trabalho de potencialização expressiva dos nomes revela todo um cuidado de colecionador de palavras e de rimas – essas sempre importantes no processo de segmentação do texto/música e da construção de circularidade, reforçando os retornos constantes.

A brincadeira com os nomes expõe uma outra ausência curiosa, pois não são apenas os adjetivos que se tornam escassos, mas também os verbos. Cedem lugar a praticamente um único deles, uma única ação: ser. Ser pau, pedra, toco, caco de vidro, etc... Mas a ação de ser é deveras estática, envolve permanência.

Então, o que vai se formando à medida que a canção se desenrola é um painel muito bem desenhado de coisas que são, de coisas que aparecem a quem as canta. Mais do que imagens, a marca distintiva da canção são as presenças, tal como percebidas e testemunhadas por esse eu lírico (denominação inadequada para alguém que eliminou os adjetivos, hein?) que se deslumbra de estar assim cercado, e que as transcende.

Chamo de transcendência a percepção ambivalente desse “protagonista criador” que reverencia o mistério do existir em cada uma de suas facetas, transpira uma paixão intensa por cada objeto de atenção, e reencena o equilíbrio/desequilíbrio da dança entre o fluir do cotidiano e as frestas daquilo que o ultrapassa.

É o caso do Matita Pereira, ou da presença do inexorável no “queira-ou-não-queira”, do jogo entre esperança e desesperança (“no rosto um desgosto”), da presença bem humorada do imprevisível em “tombo-de-ribanceira”, ou da consciência de finitude que se espalha por vários gestos canção adentro (“um resto de toco” o laço-anzol-da-morte, entre outros).

São bastante reveladoras as poucas exceções ao enxugamento de adjetivos: o “mistério profundo” e “um pouco sozinho” – ilustram a condição do eu lírico. Quanto aos verbos, registra-se a “chuva chovendo”, o “vento ventando” e o “pingo pingando”.

Mas, pasme-se, esse festival de redundância soa lindo e necessário, talvez porque acabe reforçando a construção da estática já mencionada anteriormente. O que se espera da chuva? Ora, que chova.

Na verdade, é como se todos os substantivos da letra trouxessem a tiracolo os seus próprios verbos. Como se as pedras pedrassem, os tocos tocassem, a madeira madeirasse, e assim por diante. E até os personagens humanos, João e José, estão ali como pedras e paus, tocos e cacos de vidro, joãozando e joseando.

A canção toma como pretexto um natural estranhamento de quem se desloca do espaço urbano para “o fim do caminho”. Segundo consta, Jobim construía uma casa de campo e estava morando numa cabana de pau a pique ao lado da construção quando a ideia da canção aflorou. Vale lembrar sua célebre frase: “Ora, o que é que o barulho do Rio tem a ver com o Saci? Saci não dá em apartamento”.

Do ponto de vista de uma síntese abrangente dos processos de construção poética na canção, vale observar o jogo curioso entre uma dimensão estática de nomeação das presenças no referido

painel, e o fluxo constante que as coloca em movimento, talvez o fluxo de consciência do próprio protagonista, e a associação estreita com os ciclos da vida.

O exemplo mais claro dessa ambivalência entre permanecer e fluir está na escolha do primeiro acorde (vide exemplo acima). Trata-se do acorde de Tônica – símbolo da estabilidade tonal da canção, marca de um centro de referência –, só que o autor apresenta-o com uma sétima menor no baixo, que é um recurso ancestral de desestabilização harmônica da Tônica, algo pouco comum para um início.

O mesmo acontece em vários outros pontos da canção onde se espera uma resolução cristalina – e o que se obtém: acordes com sétima, nona e/ou sexta acrescentada (Cf. a resolução no c.5 do Ex. 2).

Como vimos anteriormente, essa desestabilização constante está ligada às linhas descendentes que atravessam a harmonia⁴, resgatando saberes musicais de contraponto, através da condução de vozes.

Dessa forma, verificamos que o refrão projeta um eixo, uma estabilidade, mas a harmonia vai mudando a cada passo a significação dessas notas que permanecem – algo muito comum na bossa nova desde o “samba de uma nota só” –, mas que aqui ganha sentido adicional pela relação tematizada entre permanência e fluidez, no âmbito da metáfora das águas de março.

Ex. 2 (construções rítmicas da canção)

The image shows three staves of musical notation in 7/8 time. The first staff, labeled '(c. 1)', contains three measures with rhythmic patterns: the first measure has a quarter note followed by a dotted quarter note (labeled 'a)'), the second measure has a quarter note followed by a dotted quarter note and an eighth note (labeled 'b)'), and the third measure has a quarter note followed by a dotted quarter note and an eighth note (labeled 'b)'). The second staff, labeled '(c. 5)', contains four measures: the first measure has a quarter note followed by a dotted quarter note and an eighth note (labeled '(1 2 3 4 5 >)'), the second measure has a quarter note followed by a dotted quarter note and an eighth note (labeled 'c)'), the third measure has a quarter note followed by a dotted quarter note and an eighth note, and the fourth measure has a quarter note followed by a dotted quarter note and an eighth note. The third staff, labeled '(c. 9)', contains four measures: the first measure has a quarter note followed by a dotted quarter note and an eighth note (labeled 'd)'), the second measure has a quarter note followed by a dotted quarter note and an eighth note (labeled '(1 2 3 4 5 >)'), the third measure has a quarter note followed by a dotted quarter note and an eighth note, and the fourth measure has a quarter note followed by a dotted quarter note and an eighth note.

Do ponto de vista da construção rítmica, verificamos que o motivo principal estabelece uma alternância marcante entre tempos e contratempos, e que isso é uma marca característica da canção: É pau, é pedra... O acento é colocado no contratempo (é...), como Elis Regina tão bem interpretava (Cf. YouTube).

Além disso, é fácil perceber que a célula (a) contém o motivo (b), agente de finalização da frase, e que este encontra variantes em (c) e em (d). As colcheias estabelecem o ambiente rítmico da peça, e se desdobram em motivos de semicolcheias que intensificam o discurso. Novamente, um jogo de equilíbrio e desequilíbrio.

Mais sutil é a descoberta de que (a) e (d) projetam a mesma estrutura de acentuação, com 5 ataques antes do acento. Ou seja, o motivo (d), que permeia a segunda parte da melodia, pode ser obtido de (a) por compressão e deslocamento.

Trocando em miúdos: os motivos rítmicos permanecem os mesmos embora pareçam distintos, flutuam entre tempos fortes e fracos, dialogam com a segmentação do texto, ora apoiando as forças da fluidez, ora reforçando a permanência.

Pois bem. Entro por uma porta e saio pela outra...

1 – Trata-se de uma referência irônica (e até autoirônica) com relação à obsessão da análise com o mundo das estruturas, como se estas não tivessem que ser integradas a algum imaginário.

2 – Esse manuscrito está disponível no bem construído verbete “Águas de Março” da Wikipédia.

3 – Os numerais negativos entre parênteses indicam o intervalo de condução de voz, com larga predominância do semitom descendente. Na teoria pós-tonal recente o assunto vem ganhando espaço através do conceito de “classe de condução de vozes”.

4 – O gesto descendente cromático também aparece na melodia, na segunda parte (dó/lá; dó/sol#; dó-sol); vale a pena conferir a interpretação de Elis e Jobim no YouTube. Jobim faz uma coreografia engraçada e canta uma linha descendente de quinta justa ao final da canção.

Vamos ao Shopping!

Lá vai o zumbi de shopping
balançando suave sem direção certa
talvez tome outro café expresso
esse ano já foram 365
o fato é que prefere estar aqui dentro que lá fora
talvez seja o clima frio ou quente que aqui aconchega
ou simplesmente a sensação de movimento e cor
a ilusão de que consome logo existe?
aposentado, encontra com outras carecas para longas conversas
ou então simplesmente vagueia por certos lugares de costume
pode ser mais jovem e ter cara de estar olhando pra longe
esses corredores lisos são um lugar tranquilo para os medicalizados
que hoje são muitos,
a depressão, uma rotina diária às vezes espanta ou refreia
e também para pessoas com poucos recursos
dá pra ficar olhando de vitrine em vitrine, circulando de ponta
a ponta
e até comprar uma besteira qualquer
(desde que não tenham aparência de miséria, pois a miséria aqui
é anátema)
é o terror, anula o efeito hipnótico duramente conquistado

e é preciso vigiar o tempo todo para mantê-la longe ou muito passageira

o shopping é um experimento de uma nova sociabilidade talvez porque outra já não exista, pelo menos para a classe média, e nesse sentido somos todos zumbis

as mães e suas dedicadas filhas, olhando sapatos e bolsas, os meninos e meninas que correm pro cinema ou para o brinquedo mais novo

os ratos de livraria, disputando as poucas cadeiras de leitura livre nós, compradores de serviço, bugigangas, loteria, celular, sorvete...

um experimento cultural cuja premissa central é apenas uma: *accountability*

me explico: cada espaçozinho de prazer e ócio cada olhadela de interesse sinceramente fingido, cada sorriso, cada muxoxo

cada delicadeza de balconista e cada “pois não, senhor”

precisa bater no fim do mês com precisão absoluta, precisa ser traduzido em sustentabilidade

e tudo que vemos são *cases* de sucesso, ou já estariam fechados;

no caso do Brasil, tem também a segurança física como ingrediente indispensável,

pois se a injustiça social contaminou a sociabilidade mais ampla através do perigo constante de violência, uma redoma aparece como solução redentora;

tudo começou nas cercanias de Seattle, em 1950, com o arquiteto John Graham e sua ideia inovadora, estava inventando o futuro e não sabia

hoje, no Brasil, são cerca de 260 estabelecimentos, mais de 40.000 lojas, 460.000 funcionários

tudo isso apoiando-se na estratégia infalível de acionar a fantasia da compra;
antigamente os ricos ficavam em casa e mandavam seus empregados pra rua,
mas agora comprar é que é gostoso,
você compra uma aura de distinção e diminui a fome de ser algo mais,
você participa de um teatrinho social que lembra alguma coisa de filme ou novela

às vezes me pego comparando o shopping ao circo,
que parece tão digno com seu pagamento de uma entrada
e depois a celebração coletiva do riso, do suspense no trapézio,
do perigo das feras...

o espetáculo do shopping não pode parar, pelo menos antes das 22;
na hora do desmonte vemos os atores correndo pra fila do ônibus
uma meia de mulher se desfia aqui e ali, já não vale a pena retocar a maquiagem
todos cansados e ávidos por escapar da casa de espetáculo
alguém teve a luminosa ideia de colocar uma música animada de encerramento
disfarçando a performance justamente com outra, criando um clima,
envolvendo esse momento delicado de final de feira...

pois é: e dizer que o ancestral do shopping é a feira!
uma culminância de sociabilidade,
o que há de coletivo no shopping além dessa confortável solidão compartilhada?
onde fica a loja de utopia?
o que fariam os sem-teto no shopping?

será que do modelo do shopping já não nos livramos mais?
a universidade vai virar (já virou) shopping?
as igrejas e a fé?
as artes e os artífices?
a ética e os bons sentimentos? a política?
não seria a internet sua versão digital?

Zumbi, oh, Zumbi dos Palmares! Transforme o shopping em quilombo, como se fosse uma grande feira de São Joaquim, pois talvez isso liberte todos esses seres deslizantes de uma vez...

– mais um café, por favor!

Expresso 2222

*Começou a circular o Expresso 2222 da Central do Brasil
Que parte direto de Bonsucesso pra depois do ano dois mil...*

A canção já beira os 40 anos de lançamento – e nada perdeu de seu vigor criativo e do horizonte de emoções que vai trilhando, ligando pontos e pólos dispersos e encantados.

É uma canção que trata de encantamento – e de como isso se entrelaça e se confunde com a própria vida, de como mexe e remexe com jeito de trem nordestino, ah sim, tanta coisa depende da cinética nessa canção...

Lá nos anos 70, a canção tecia um discurso político de afirmação da capacidade de continuar fabulando sonho e viagem, para bem longe de onde a ditadura desejava...

...além de colocar na pauta de toda uma nova geração de criadores uma liberdade especial de conjugar as coisas, com olhos tropicalista-antropofágicos, nordestino-baiano-carioca-paulista, se é que me entendem...

Ao longo dessas quatro décadas de existência, a canção acumulou usos e funções – noto que nas interpretações recentes a identidade forró está bem mais acentuada, mas há lá dentro um jeito de samba, um apelo instrumental e improvisatório.

Às vezes penso que o percurso do próprio Gil seguiu o itinerário desse trem fantástico, e que ele agora está em pleno depois...

Vale lembrar que o expresso circula, instaura uma lógica que não é a do vai-e-vem. Ao circular, conecta lugares, paisagens, fantasmas, sensações. Roda pra longe e desroda pra perto – refrão e expresso estão sempre reaparecendo. São mágicas que a música sabe fazer, o tal jogo de carretel de que trata a psicanálise (fort/da)¹, os prazeres do sumiço e do reencontro.

De certa forma, a harmonia usada no início da canção (Dó, Sib, Fá) inclina o vetor tonal na direção de Fá, quando na verdade se está em Dó, trazendo uma cor modal algo premonitória da natureza do trajeto e da metáfora – mas isso é logo eclipsado pela energia vibrante da Dominante real, o Sol7, e sua sensível: Sib - Si - Dó. Esse link fica no ouvido.

Sensações multiformes: partir (e tudo que traz consigo), subir, estar no futuro, dançar, evaporar-se numa nuvem, ver Cristo... Encantamento e paradoxo dialogam. Já de saída um itinerário poético com o absurdo entre tempo e espaço: o sonho (trem) vai de Bon-sucesso pra “depois”. Desautoriza a lógica das categorias. Dirige-se à estação final de uma estrada que não tem fim.

A base cinética de tudo é o violão de Gil – fino conhecedor dos segredos de acordes e texturas (digo, batidas), veja gravação de 1972 (YouTube). Esse violão, com sua corrente de semicolcheias é o próprio trem-expresso, embora a ligação seja sutil e nem se preocupe em imitar nada. Estabelece, todavia, o nível mais rápido de pulsação e uma métrica dominante.

É sobre essa pulsação que vai surgindo um castelo fluido de acentos e gestos melódicos, de concretudes e fantasias, agarrando o ouvinte pela gola do espírito, e que quando vê está cantando junto, com a boca cheia de água e sal, menina, trilhos e nuvens...

O percurso circular, ou talvez elíptico, não evita polaridades, acomoda-as ao longo do trajeto:

agora	depois
água	cal
nordeste	corcovado
cantor	menina
cristo material	subindo aos céus
gestos ascendentes	gestos descendentes
métrica dominante	subversões diversas
metafísica	baião/samba

Portanto, podemos dizer que a canção se instaura como acentos e tensões sobre a base de semicolcheias, mas o seu destino é bem outro, na direção da subversão desse estado rítmico, através de uma certa flutuação “fora do tempo”.

Ex. 1

Di zem que tem muita gen te de/a go ra se/a di an tan do par tin do prá lá pra dois mil e um e dois e tem po/a fo a a té on de/es sa/es tra da do tem po vai dar do tem po vai da do tem po vai ou me ni na do tem po vai

- ◻ = tempo forte na cabeça do compasso (tético)
- ∇ = acento que brinca com a métrica original

E se as análises têm um umbigo, diria que chegamos nele, pois esse estado de flutuação rítmica que leva à escassez temporária de tempos fortes seria a metáfora musical do encantamento, do flutuar sobre trilhos ausentes, evaporar-se nas nuvens.

E mais ainda: em termos de análise das durações e proporções, a maior parte desse trecho é construída com o valor das colcheias, só que deslocado. Enquanto o compasso inicial apresenta como ritmo a série de proporções (1+1+1+1+1+1+3...), com ênfase nas semicolcheias, o gesto delimitado pelo colchete registra uma série de ataques com ênfase na duração de colcheia (2+2+2+2+2+2+2...) – ou seja, o nome do Expresso. Pode? Aliás, quem disse que a análise não pode ser encantada também?

A flutuação por deslocamento desemboca em outro tipo de flutuação, agora por nota longa (duração de 8). Ao cantar “do tempo vai...dar” (no c. 9, final da segunda linha), Gil articula e acentua essa terminação. Por quê? Ora, ela coincide com a última semicolcheia do compasso, aquele mesmo lugar sempre marcado pelas batidas da zabumba, agente oficial da desestabilização do regime (métrico).

Portanto, é também de humor esse trem, pois a resolução da sonoridade longa vai sempre imitar o tempo forte que não é, fingindo uma normalidade falsa. Isso tudo se transforma em alegria de retorno quando do surgimento do acento no primeiro tempo do penúltimo compasso (tal como marcado no exemplo).

A flutuação rebelde potencializa o retorno à normalidade métrica no penúltimo compasso (vide exemplo), fechando a seção pela via daquele tradicional tropo nordestino, “ou menina do tempo vai”, e anuncia o recomeço de tudo: trem, partida, encantamento, subversão, sonho e raízes .

1 – Agradeço a leitura prévia desse artigo por Tuzé de Abreu.

2 – O início destaca os gestos ascendentes, mas a segunda parte investe numa longa descida “fora do tempo” que vai até o dó grave (dó3), para depois ir alçando vôo até o clímax final; esse encaixe de descida e subida funciona como uma espécie de desenvolvimento e “liquidação” das ideias temáticas iniciais, preparando seu retorno.

3 – Tomamos como referência a transcrição do Songbook de Almir Chediak, com algumas alterações para adequá-la à performance da gravação de 1972; vale a pena conferir a improvisação que Gil insere nesta execução – é um lado londrino/jazzístico, bem representativo da época.

4 – Vemos, nessa viagem, que o gesto musical inicial reserva ao 2, 2, 2, 2 proporções tais e quais, ou quase...

5 – Nesta incursão analítica tratamos principalmente do processo rítmico e sua participação na metáfora musical da viagem; vários outros aspectos poderiam ser abordados.

¹ São palavras utilizadas pelo neto de Freud para simbolizar sumiços e reaparições da mãe, através de um joguinho com um carretel de linha.

As aventuras de um tamanduá voador

Consta que um tamanduá voador habitava os pensamentos de um escrevinhador bisonho,

flutuando de maneira improvável num céu azul com nuvens redondinhas e brancas,

e a cada tentativa de inventar um assunto, digo, um pretexto, o tamanduá gorducho sacudia sua língua comprida e fina,

espantando para longe, para muito longe, qualquer pensamento e vontade de pensá-lo,

pouco se lhe importava o esforço do escriba,

o tamanduá tinha pelos finos e compridos, adorava formigas e cupins como todos de sua espécie, e um grande rabo em forma de penacho,

não era fruto de sua imaginação? afinal, onde já se viu tamanduá volante?

que mais poderia desejar o escriba se neste tamanduá pipa também se empinavam as pupilas de quem passava,

você está aí, não está, leitor? pergunta o tamanduá imaginário,

mesmo que eu fosse um hipopótamo, ou talvez mais ainda, pois a flutuação dos hipopótamos seria absolutamente inverossímil, aquelas ancas saradas em plena flutuação,

hipopótamos voadores sobre um fundo azul, muito azul, com nuvens brancas e redondinhas, murmurava o tamanduá,

nesse ponto o escriba já pensava em ecologia,

e o tamanduá, que detestava papo cabeça, ligou o canal na Hebe,

o hipopótamo reagiu raivoso, sacudiu os fundilhos e virou um rinoceronte,

o escriba agoniado já não sabia por onde a tinta escorria, e qual o resultado da votação nu congresso,

o menino, que só havia entrado na estória de forma oblíqua, pois onde há pipa, digo, arraia, há menino, pegou a pipa e saiu correndo,

como garantir satisfação plena na hora da morte? meu pai, me diga com toda sinceridade, deus existe?

mas isso não tem qualquer ligação possível, desesperava-se o escriba, “desnecessário”,

ora, o menino desde os três anos repete incessantemente essa frase: “na hora de nossa morte, amém”,

e perguntou isso de fato ao pai quando tinha dez anos, que aliás tinha os olhos miúdos de um tamanduá,

mas eu não queria tamanduá, hipopótamo arrinocerontado, ou menino com pipa e fixação existencial, queria uma alegoria da imaginação,

preferencialmente com uma visão social ou cultural embutida na crônica?

o tamanduá poderia muito bem ser um policarpo quaresma da pós-modernidade, representante de um brasil autêntico e nosso,
ocorre que as alegorias têm vida própria,
a pipa chamou o vento que respondeu com força, e o tamanduá voador subiu bem acima das nuvens brancas e redondinhas,
agora parece ter descoberto um formigueiro na lua, onde repousa tranquilo,
enquanto isso, mais embaixo, o vento rebelde agita e sacode todos os escribas, hipopótamos, rinocerontes, pupilas, meninos, hebes, congressos, pais, ave-marias e policarpos quaresmas,
“o espírito sopra onde quer” – Jo 3,8
todos os assuntos são apenas tamanduás ou hipopótamos voadores, conclui o escriba.
Entrei por uma porta e saí pela outra. Senhor, meu rei, que me conte outra...

Onde está o centro do mundo?

Queremos informar a todos vocês que tudo anda sob controle, e por que não dizer que tudo vai no mais perfeito e harmonioso equilíbrio e o centro de atenções que está prestes a perder as forças não deixa de ser uma baboseira geral e não vai além do espaço físico entre o homem e o picolé...

Texto de abertura do espetáculo Falamassa (década de 70)

Marco Roriz

A pergunta não deveria ser levada tão a sério. O centro do mundo se desloca com a gente. Afinal, só conseguimos perceber as coisas a partir de nossas próprias coordenadas.

Todavia, a ideia de que há centros e periferias nunca foi tão forte e operante. A grande maioria das pessoas do planeta compartilha essa visão e distribui sua atenção de acordo com uma escala de valores orientada a partir daquilo que é visto como centro.

Obviamente, o grande tema da centricidade é a distribuição ou concentração de poder. O fenômeno afeta todo mundo e incide sobre inúmeras áreas da vida. Mesmo assim não parece ser muito discutido.

As informações tendem a circular desses centros focais para os pontos periféricos, e quase nunca ao contrário. O capitalismo de hoje

é basicamente um capitalismo de controle da atenção. O direcionamento da atenção precede e determina a formação de mercados.

As comunidades minúsculas olham para as pequenas como referência, e estas para as cidades, que miram nas metrópoles, que por sua vez se encantam com os grandes pólos da economia mundial. Tudo encadeado e firme. Tudo embalado pela agenda da mídia global.

O jogo se repete de rua em rua e de bairro em bairro, os menores desembocando nos maiores, e as pessoas buscando com tenacidade os melhores lugares no espetáculo da centralidade.

No Brasil o problema tem proporções consideráveis. Sabemos muito pouco da realidade uns dos outros – apesar de vários programas dedicados ao tema –, com a diferença de que Rio e São Paulo expressam livremente essa ignorância através da mídia nacional.

O mesmo acontece no nível das capitais de estado: tendem a ignorar ou simplesmente não prestar atenção aos municípios vizinhos ou distantes. Seus jornais falam apenas dos acontecimentos da metrópole, a não ser quando o assunto é “folclore” ou “autenticidade”...

Houve uma atriz baiana atuando em novela de projeção nacional, que passou pela dura experiência de ter que aprender a imitar o sotaque padrão utilizado para representar a Bahia e os baianos.

O que seria da moda, das celebridades, do sucesso em geral, do marketing, do cinema, e até mesmo da excelência acadêmica – as universidades tendendo a grifes e cada teoria com seu guru e Meca –, o que seria disso tudo sem o charme da polarização em direção a lugares do mundo e pessoas que são considerados os paradigmas de cada um desses segmentos?

Ora, não se sabe ao certo quantos graus de charme ou centralidade haveria no mundo. A coisa varia, depende do assunto.

Se a questão é “ser um lugar adiantado”, podemos imaginar que o pessoal de Tanquinho de Feira olha para Feira de Santana (aquela ci-

dade sempre citada por Jô, que realmente fica perto de tudo, embora ele não acredite, porque simplesmente não sabe do que se trata). Daí para Salvador. De Salvador para São Paulo, e de São Paulo para New York. Neste caso a escala de valores tem aproximadamente 5 graus.

É claro que esses níveis são desdobrados em dezenas de outros, a partir das sutilezas de cada posicionamento na escala – Tanquinho de Feira tem lá dentro vários graus de centralidade, só é uniforme quando comparado com algo externo.

Se o assunto fosse “finesse”, bem sabemos que o povo de New York olharia para Paris, aumentando a escala para 6 níveis. Não custa lembrar que a China está vindo aí com toda força, na esperança de alterar essas rotas de atenção.

E não apenas os lugares, mas também as pessoas se avaliam em termos de escalas semelhantes, algo que afeta diretamente suas vidas, moldando percepção e autoestima.

O sistema trabalha para disseminar o desejo de que todos busquem uma melhor posição no jogo, se aproximando das celebridades e dos pontos focais. O sucesso da motivação coletiva é o sucesso do próprio modelo.

Não parece viável investir num discurso de “esquerda” – leia-se “transformação do mundo” – que não envolva o componente de crítica ao centrismo. Muitos discursos pseudotransformadores se apoiam totalmente no status da centralidade, na força do modelo. O consenso da valoração da centralidade às vezes parece tão natural que assume ares de realidade.

Mas afinal, quais seriam as alternativas para quem não quer jogar esse jogo?

Ir morar na Chapada Diamantina? Desmascarar continuamente o discurso contaminado pela centralidade? Brigar por uma nova sensibilidade? Trabalhar pela exaltação de outros centros? Trabalhar

pela criação de microcomunidades dispostas a experimentar com a construção de autonomia e libertação dessa paçoca?

A tarefa não é nada simples. Para complicar as coisas, muitas vezes aquilo que detém o status de centro é realmente melhor, exibe qualidade. De nada adiantaria simplesmente inverter tudo.

Há de se reconhecer que os próprios paradigmas de eficácia e de excelência estão no centro da questão. O que os indígenas vêm fazendo há séculos só agora pode ser reconhecido como fruto de uma consciência ecológica imprescindível para o planeta.

Bem faz o povo simples, que apelidou uma parte nada cosmopolita do corpo humano de “centro do mundo”, colocando o nosso tema de cabeça para baixo, gozando com a nossa própria sensibilidade e vulnerabilidade.

Retrato em branco e preto

(Jobim e Chico, 1968)

*– O amor comeu meu nome, minha identidade, meu retrato...
O amor comeu metros e metros de gravatas...
Comeu todos os papéis onde escrevera meu nome.*

Pois é, esse é o Joaquim, o terceiro mal-amado da *Quadrilha de Drummond*, sendo homenageado e reconstruído no poema de João Cabral.

Parece que o personagem sobrevive nessa canção, onde a tristeza dói como se estivesse em nervo aberto, e ainda por cima brinca com a fatalidade:

Já conheço os passos dessa estrada
Sei que não vai dar em nada
Seus segredos sei de cor

Já conheço as pedras do caminho
E sei também que ali sozinho
Eu vou ficar, tanto pior...

Ora, não é uma fatalidade qualquer. Ela vem temperada por uma sensação de fascínio. Muito mais que temperada, a fatalidade é propriamente constituída pelo fascínio, pela inevitabilidade daquilo

que apaixonava e meio que paralisava. Aliás, o próprio cantante diz isso: “volta sempre a enfeitiçar”.

Ex. 1

a) b)

Já co-nhe ço/os pas sos des sa/es

Gm D/F# Fm6 E7 Eb7M(#5) Eb7M(6)

O curioso é que isso tudo está na música, no envolvimento sonoro que ela provoca – e foi feita antes da letra. Portanto, de alguma forma, Chico esculpiu os sentidos que já estavam no próprio material composto por Jobim, e que para todos nós ouvintes nunca poderiam ter sido outra coisa – e, mais, se não fosse bossa-nova, seria um bolero, samba-canção ou coisa assim, de grande sucesso. A canção remete a essa tradição.

Puxo o fio do verso inicial: “já conheço os passos dessa estrada”. São palavras reveladoras: obviamente são passos essas notas que gravitam em torno da nota inicial (ré), quinta de sol menor, presente no Ex.1a). E são seus vizinhos: o cromático descendente (dó#), o semitom ascendente (mib), que é o sexto grau da escala, e o vizinho diatônico inferior (dó).

A letra descreve o principal processo melódico em andamento – passos que são dados no âmbito da escala de sol menor, com direito a cromatismos tanto na melodia como na harmonia. Nesse campo, o compositor faz um jogo paralelo, mantendo a nota ré como pedal, ou seja, como membro de todos os acordes, (Ex.1b), enquanto as ricas elaborações diversificam o discurso.

O semitom entre quinto e sexto grau ocupa lugar especial no diapasão emotivo das escalas menores (no caso, ré - mib) – e isso

desde que o mundo é mundo, ou melhor, desde que a ópera é ópera. Foi a ópera que inaugurou esse tipo de canalização do desejo para a música, lá na aurora da modernidade, compensando a perda do encantamento anterior que caracterizava o universo medieval e antigo.

Pois bem, o gesto inicial multiplica essa pungência, sensualiza a própria dor. Gostar de sofrer faz parte do amor, não faz? Essas notas que não são ré, mas que bem poderiam ser, acabam ilustrando a tensão entre a dor do caminho e a inevitabilidade da paixão, tanto na melodia como na harmonia.

Esse jogo melódico (e pirraça) do gesto inicial atende pelo nome de contorno: (ré - dó# - mib - dó - ré), ou seja, -1, +2, -3, +2, que, por sinal, totalizando zero, indica que há um retorno ao ponto de partida, no caso, o ré. Estamos medindo a oscilação em termos de semitons pra baixo ou pra cima.

Na segunda frase continuam os passos da estrada, Ex. 2, mas agora com um contorno ligeiramente ampliado: -2, +3, -4, +3. Continua retornando à nota de partida (agora o fá), mas já envolve um movimento mais amplo, como se o motivo inicial houvesse se expandido um pouco.

Ex. 2

The musical score for Ex. 2 is presented in two systems. The first system consists of two staves: a vocal line in treble clef and a piano accompaniment line in bass clef. The key signature has one flat (B-flat). The lyrics for the first system are: "Já co nhe ço/as pe dras do ca mi nho/E sei tam bém que/a li so zi nho/Eu vou fi car tan to pi". The chord symbols below the piano staff are Cm7, D7(b9), Bb7M, Bb6, A7(13), and A7(b13). The second system also has two staves. The lyrics are: "or O que/é que/eu pos so con tra/o/en can to...". The chord symbols are D7M(9), Ab7(#11), and Gm.

Logo em seguida vamos presenciar uma espécie de explosão desse desenho, com um gesto ascendente muito expressivo, e que dá bastante trabalho aos intérpretes (ouça Elis Regina ou Ney Matogrosso no YouTube):

ré - fá - ré - sol - ré - lá - ré - sib - ré - dó, ou seja:
(+3), -3, +5, -5, +7, -7, +8, -8, +10

Inicia no ré e vai até o dó agudo. São intervalos cada vez maiores que se afastam e retornam ao eixo (sempre o ré), e que nessa intensificação louca representam a miséria do ficar “ali sozinho, tanto pior”.

Uma vez no patamar superior, a melodia retoma os padrões de contorno mais estreito – (-2, +3, -4, +3) e (-2, +3, -1, +1, -2) – e não deixa a tensão ceder, atingindo furtivamente o ré agudo, e aí sim permitindo uma cadência, através de uma descida expressiva e dissonante até a nota e o acorde iniciais.

Com isso a canção fecha todo um ciclo de afastamento e retorno melódico e harmônico à nota ré e a sol menor. A harmonia rica não esquece os pilares das relações fundamentais de quinta. Em rápidas pinceladas e pegando apenas o macrodesenho:

i - vi - iv, ou seja:
(Gm / Eb / Cm), até o início da segunda frase;

iv - ii (alterado) - v - i, ou seja:
(Cm / A / D / Ab / Gm) até o retorno.

Estamos adotando a nomenclatura do *Songbook* de Almir Chediak, embora deva ser dito que nem sempre os acordes anotados correspondem à melhor interpretação analítica harmônica.

Como bem sabemos, a harmonia de Jobim não é coisa simples, ela flutua, faz ziguezague, ameaça ir para um lugar e de repente vai para outro¹; vive no mundo da tonalidade suspensa, ou quase isso. Com sua cuidadosa condução de vozes, produz situações de tal ex-

pressividade que é impossível conceber a canção sem esse plano sonoro de choques e resoluções primorosas.

Pois então: a inevitabilidade vai sendo garantida sensorialmente pelo ciclo melódico e por esse passeio harmônico com destino certo. O ritmo, que nem chegamos a comentar, também exerce papel fundamental nessa direção. Já a estranheza dos passos da estrada depende do cuidadoso artesanato de contornos e da diversificação dos acordes. Vale ressaltar a consistência desses procedimentos, eles tematizam todo o tecido da canção, dando conta de um princípio composicional adotado pelo autor.

Um balanço dos principais contornos usados aparece na tabela abaixo, o terceiro sendo a intensificação desmedida, o penúltimo a descida dissonante e expressiva, e o último uma sequência de contornos que aparece na frase finalizante (“vou colecionar mais um soneto...”), mais um recurso de intensificação. Todos eles, com exceção da descida, apresentam o mesmo perfil de descidas e subidas:

a) -1, +2, -3, +2	(-, +, -, + ...)
b) -2, +3, -4, +3	(-, +, -, + ...)
c) -3, +5, -5, +7, -7, +8, -8, +10	(-, +, -, +, -, +, -, +)
b) -2, +3, -4, +3	(-, +, -, + ...)
d) -2, +3, -1, +1, -2	(-, +, -, +, -)
e) -2, -4, -5, -1	(-, -, -, -)
f) -1, +2, -1, +2, -1 ...	(-, +, -, +, -, + ...)

Tal como Michelangelo, Chico esculpiu o que já havia na pedra, tirou os excessos, e foi buscar nas palavras a dor fingida que o poeta deveras sente. Ao plasmar essa vivência sonora em torno do retrato em preto e branco faz emergir de dentro a certeza de que estamos sempre lá onde o objeto de amor nos tem, mesmo que estranhamente perdidos e sozinhos num álbum de retratos.

¹ O acorde notado como A7(13), por exemplo, exerce uma função local de tonificação do ré7M(9), mas no plano geral deve ser mesmo entendido como um preparador de Dominante (segundo grau alterado), no bojo da progressão que leva à resolução em sol menor. Sendo assim, podemos também pensar no Ab7(#11) como parte da Dominante que resolve em sol menor, ao invés de solb, fá# – embora sua complexidade reúna também traços de Napolitano e de sexta aumentada.

Pêrêquêtê

gozo (ex)posto

chego, topo, zôo

pós-corpo

não é crônica, é poema concreto-paulista-fake? em 2011? até tu, brutus? não é poesia, é música: todos os sons vêm do primeiro verso imagine aí uma percussão aleatória de base e tá pronto
tiqixiqixiqixiqixiqxucxiqtic tuc tic ticxiqctic ticxiq tictictic...

e a voz? acho que deve ser feminina e meio gutural como aquela moça que canta Black Bird no disco *I am Sam*.

explicação:

chego = (ex) invertido (xe) + go (de gozo) = xego

zôo = gozo - (g) = ozo + rotação inversa = zoo, donde, zôo do verbo zoar.

você sabe que explicar é sempre pior, né?

vamos mudar de assunto: e o ambiente semântico?

a dessacralização do mundo na época do gozo escancarado derrete as transferências tradicionais, céus vazios de divindades e ideologias.

“O que se torna o suporte do eu não é mais a referência ideal, é a referência objetal” – Cf. Melman – daí o gozo exposto...

posto o oposto
topo (topas?):
stop, peste!

aqui é rotação pura

você pega 6 notas, por exemplo, sol-dó-si-mi-ré-lá e vai rodando elas

lá sol dó si mi ré
ré lá sol dó si mi
mi ré lá sol dó si
etc...

da mesma forma: posto - opost - topos - stops - PST

observação oportuna: de pst dá pra gerar uma série de ruídos sonoros do tipo pskt, psktz, psktziiu, psktziiiu... e salpicar na percussão (já fiz uma música assim)

mostrar o gozo é mais importante que gozar mesmo
as celebridades são sempre vistas em posição de gozo escancarado
a dessacralização da morte – a exposição dos cadáveres plastificados

pós-corpo...

mas justamente, “corpo” não pode ser deduzido do primeiro verso

ah, isso aí tem nome, chama-se de “inspired inflection”

é quando um limite é flexibilizado em nome de outro alguém...

tá parecendo bolero... (outro alguém...?)

é, outra intenção, outro amor, dá no mesmo

o amor da forma cedendo ao romã dos significados

desculpe, romã foi também “inspired inflection” só que ao contrário –

o amor da significação cedendo ao amor da forma

amor da forma
amorfa forda (ihhh, tá começando outra vez...)

sexo (ex)pele
poso, posto, pouso
zigoto

ego (ex)pulso
pulo, sigo, luxo

mas o que ofende mesmo é você me chamar de concreto-paulista-
fake

você quer baianidade, ehhh?

quer baianidade, seu pêrêquêtê?

então tome esse aí de baixo, com espelho e simetria no meio:

resto de sorte

idolstrar o dólar
alfabetizar o falabela
musicar o casmurro
ejacular na janela

domesticar os mestiços
violentar a viola
carimbar a marimba
e alcoolizar a calçola

*“resto” rearrumado vira “sorte”; “musicar” vira “casmurro”; “ejacularna” vira “janela”..

** qualquer semelhança de significantes com personagens reais é mera coincidência

Codetta safadinha:

pêrêquêtê têpêquêrê quêrêtêpê Bum!

quêrêtêpê pêquêrêtê têpêquêrê Bum!

só dou se me relar....

tiqxiqtiqxiqtiqxiqtucxiqctic tuc tic ticxiqctic ticxiq tictictictic...
(ad infinitum)

Entrei por uma porta – e viva Vivaldo Conceição que vivia
cantando isso.



utilidades da crônica em sala de aula: roteiro de improvisação;
propõe discussão sobre intertextualidade, baianidade, antropofagia,
forma aberta, texto (é) música, etc...

Adeus Macho Contumaz

*uma vez Smetak me disse, aos setenta anos,
“agora enfim descobri o prazer de não fazer nada”
era tarde, havia inventado mais de cem instrumentos.*

diga-me agora, macho contumaz:

os bagos ou a memória de uma glória qualquer?

conte-me rápido, rápido, porque lampejou na história,
 mesmo que seja a do bairro; do clã; do hospício;
 na pata pátria, nas fímbrias do peloponeso,
 nas artes ou nos desastres...

você, napoleão dormido
 nordestino cabra da peste,
 capitão de indústria

inventou o direito autoral
 patenteou o urubu?
 organizou o carnaval em lisboa?
 a lavagem de hong-kong?

desesperado pelo sentido que porventura alcance
 do outro lado da folha, do cabo, da vida

e deixe que no divã digam que é “desejo”
– ora, esse é o nome que lhe deu sigismunda
de que adianta protestar contra a testosterona? ou contra a metafísica?
para aristóteles, a definição de homem é conhecimento...
e mesmo deus assim o fez com as escrituras
(mostrando que também é macho)
e as quer ressoando pelo tempo adentro e afora
tudo isso vem da perplexidade de não conseguir parir?
deves desafiar o pai e tecer os fios de sua baboseira heroica?
olhe aqui, pai: vinte e cinco séculos o contemplam!
vocês girafas que batem o pescoço
bodes que batem cabeças
pavões de rabo enfunado
principalmente quando se sabem néscios, reles, medianos?
você, vendedorzinho de meia tigela, conta-nos suas vitórias comerciais...
tio milton, quando bebia, virava proprietário em nova iorque;
o vizinho, pra não ficar atrás, elogiava o carnaval de caruaru –
“o confete bate na altura do joelho” – “fora daqui, seu mentiroso”...
você, alucinado presidente schreber de algum senado alemão,
modelo para tudo que se sabe da paranoia,
transando com deus para gerar uma nova raça...
e assim denunciando o modelo-limite da masculinidade heróica
glórias e tresglórias infectando o planeta
com narrativas e contabilidades
com o dinheiro que mede o clamor das vitórias alegadas

os exércitos, os territórios, as leis
as revoluções, os golpes, o projeto e o projétil...

os uivos e silvos no esporte popular
a invenção do motor a diesel, o vapor, a eletricidade
a ideia de matar deus (denunciá-lo morto),
limpar a raça,
exterminar as bactérias,
ganhar as maratonas e povoar a lua
caçar as baleias,
empalhar os tigres,
domesticar os mestiços
e pacificar o mundo!

e ainda, ó cultura, a pujança das ideias e os pilares dos gênios
ó joana sebastiana, porque inventaste a fuga?
emanuelle, isaca, luisa, carla e karlinha;
karlinha querida, de onde tiraste a “falsa consciência”?
alberta e a relatividade das coisas

ou então as pugnas da justiça e da igualdade
servindo de assunto para bagos e favos inesquecíveis
definir o estado – o estado sou eu!
cortar a cabeça do rei
cortar a cabeça de todos os opositores

expandir os impérios
matar o che (mataram o sonho americano?)
matar um beatle

e mesmo a dramaticidade meio biruta que invade esse texto,
como se glória não houvesse em desnudar mitologias
e pedir reparação já! – reinventar o feminismo, “de dentro”
da horda

tudo isso parou – acabou, vai acabar, está declinando com o Pai...
pois “se Deus está morto, nada nos é permitido”, lembrou jaqueline
pra onde irá toda essa energia?
e o que será da ordem cosmológica, e do relógio do Big Ben?

Cultura e arte: 12 temas para refletir

escrita para o VII ENECULT – 2011

1. Essas duas palavras se misturam e até se confundem na linguagem cotidiana, como se fossem irmãs gêmeas, como se uma coubesse dentro da outra, como se uma intensificasse a outra...

Mas a rigor a relação entre elas é complexa e variável. Trata-se, na verdade, do encontro de duas narrativas ancestrais, do encaixe e desencaixe de vários aspectos de suas silhuetas, que ora rimam e ora se repelem.

A atualidade parece exigir uma discussão cuidadosa do assunto, capaz de exorcizar o simplismo das formulações correntes, e de fazer emergir as questões analíticas e conceituais que essa articulação merece – sem esquecer as questões de ordem prática que tomam assento em cada decisão ligada à gestão de cultura.

Embora a expressão “gestão de cultura” remeta imediatamente aos níveis governamentais (federal, estaduais e municipais), vale lembrar que também deveria incluir, cada vez mais, as universidades, fundações, empresas, editorias, ONGs, partidos – ou seja, a plêiade de atores organizacionais que decidem sobre o assunto.

2. Podemos iniciar de forma pedagógica, focalizando a repulsão entre arte e cultura, no contexto do modernismo ocidental – a percepção explicitada por seus ideólogos (de Greenberg a Adorno), de que o conceito de cultura é o verdadeiro inimigo da arte (Cf. Jameson, em *Modernidade Singular*) – frase de impacto que acende o olho de muito artista no Brasil de hoje, mas que merece análise cuidadosa.

Lá nos centros, essa repulsão acompanha a consciência de que o espaço do modernismo é o espaço da “autonomia do estético”, da “crise de representação”, o espaço dedicado ao acúmulo de rupturas criativas, a uma “dinâmica interior de perpétua inovação” – e que a abertura para os assuntos da cultura comprometeria essa sacralidade e pureza.

Um pouco mais fundo corre a interpretação de que a dinâmica do modernismo vem da inscrição do processo de mercadização dentro da própria obra, como resistência – fazendo-a buscar uma substancialidade que não possa ser absorvida pela lógica da mercadoria. Daí a lógica dos públicos inexistentes, tão cultivada pelas vanguardas, projetando a comunhão para algum futuro.

3. Ora, uma primeira dobradura da questão surge no âmbito da fricção entre moderno e pós-moderno, na medida em que esse último movimento estabelece como alvo justamente a pureza e o ascetismo do moderno, sua economia de meios, seu amor pela estrutura como eixo de criação e análise, sua teleologia, o cultivo do gênio/visionário, etc.

Ao cultivar uma retórica do descentralizado, do rizomático, heterogêneo e múltiplo, a crítica ao modernismo vai incidir diretamente sobre essa pureza da arte moderna, e isso tem representado muitas vezes uma abertura para a diversidade cultural do mundo – mesmo que às vezes de forma troncha, ou seja, mais contribuindo para alienar homogeneizando do que para empoderar.

A bola da cultura enche, sem dúvida alguma, a partir do crescimento dos “estudos culturais”, a partir dos movimentos sociais em defesa de identidades e diferenças. Reconhecendo essa nova importância política da cultura, Terry Eagleton encerra seu livro *The idea of culture* afirmando que a cultura se tornou imodesta e convencida, e que está na hora de colocá-la em seu devido lugar. Seria essa uma das missões da presente discussão?

4. Um exemplo da área de música tematiza várias dessas questões. Até 2001 o verbete “composition” do GGMM (*Grove Dictionary of Music and Musicians*) havia sido confiado a um compositor – nada mais natural. Qual nada, em 2001 o verbete foi confiado a um etnomusicólogo (Stephen Blum), a partir da consciência (um tanto tardia) de que seria necessário tratar de criação musical no âmbito das centenas de culturas musicais que existem espalhadas pelo mundo. A criação musical é um tema espinhoso para o estudo da cultura. O verbete é muito interessante, mas afasta para bem longe da teoria modernista o tema da criação – e também evidencia a grande lacuna de uma teoria capaz de avançar o entendimento da criação musical diante de tanta diversidade. A “autonomia do estético” e o amor ao estudo da música como estrutura embalaram uma longa surdez com relação ao resto do mundo – apesar das construções fantásticas que permitiram realizar.

5. É também no âmbito dessa dobradura que encontramos a consciência, bem expressa por Dupas (2003) – *Tensões contemporâneas entre o público e o privado* – de que “transformada em mercadoria, a cultura (leio, a arte) está se confundindo com a publicidade”. Essa é uma das profecias ou constatações mais duras da atualidade, incide diretamente sobre a desartificação da arte, tal como a conhecemos.

É claro que não estamos falando de segmentações monolíticas, até aqui foi uma coisa, daqui em diante, outra. Os campos se sobre-

põem, o feudalismo sobreviveu no Brasil até meados do século passado. Existe muito modernista empedernido para garantir a sobrevivência dessa modalidade de pensamento artístico por muito tempo. E também observa-se que o pós-moderno inclui como um de seus charmes, retornos do moderno, mesmo que embalados por alguma campanha de venda de produtos. Teremos de tudo.

Mas a lógica da produção muda – a lógica da produção vai se fundindo de diversas formas com a publicidade. E, para além disso, o próprio processo de criação, o campo de escolhas, que vai absorvendo não mais a mercadização como limite, e sim como insígnia. Um exemplo singelo: uma vitrinista bolando sua criação para uma empresa de depilação a laser – está fazendo arte?

A coisa fica mais densa na medida em que nos damos conta de que a arte vai sendo percebida como atributo da celebridade, e na medida em que a fabricação da celebridade depende plenamente das lógicas de publicidade. É nesse ponto que Lady Gaga passa a mão despudoradamente nas “graças” de um dançarino. Ao fazer isso ecoa Michael Jackson parando a mão em sua própria “graça”, ou mesmo Madona e seus contorcionismos cheios de graça...

Isso significa que esses produtos realmente icônicos estarão sempre atrelados a uma sexualidade explícita? E que essa estratégia mercadológica pode compensar possíveis deficiências em outros campos?

6. Lembra de Macunaíma? Vivia passando a mão “nas graças” de todas as moças que chegavam por perto. A conexão não é casual. A ideologia do modernismo – autonomia do estético – precisou ser fletida e refletida no Brasil do início do século XX. O melhor exemplo é a construção do conceito e práxis emancipatória que ganhou o nome de antropofagia.

Ignorar tudo o que criamos como coletividade “fora do centro” ao longo de quatro séculos anteriores não seria uma posição política

respeitável para gente do porte de Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Villa-Lobos, Graciliano Ramos, entre tantos. Tivemos um modernismo invadido pela perspectiva de uma coletividade brasileira.

7. É nesse ponto que surge uma ideia central para toda essa discussão – a perspectiva de dentro da arte, de dentro da criação. Por exemplo: a construção de protagonistas que refletem a experiência desse coletivo chamado Brasil. Ela está certamente na galhofa do “defunto autor” machadiano, assim como no semcaratismo de Macunaíma, ou na espetacularidade de um Nelson Rodrigues, e na exuberância de Villa. Outras tantas linhas poderiam ser traçadas daqui. A Bahia, por exemplo, como um lugar de plasmação precoce dessa perspectiva que conecta Gregório de Mattos a Carlinhos Brown, passando por Caymmi, Caetano, Gil e Tom Zé.

O ponto já foi exposto em outro lugar: fomos pós-modernos – ou seja, abertos para o entrelaçamento entre “crise de representação” e coletividade, leia-se “cultura”, antes mesmo de sermos modernos. Aprendemos a ser modernos através desse viés pós-moderno. É um paradoxo que nos constitui, e que ameaça desaparecer no pós-modernismo propriamente dito!

8. Vale a pena montar um pequeno observatório de gestos da própria arte comentando sua relação com a cultura. Um caso demonstrativo: o protagonista de Noel Rosa no *Gago Apaixonado* acaba seu discurso amoroso mais gago do que nunca, e quando se observa com cuidado, cantando algo que bem poderia ser um gesto finalizante de uma ária de bravura. As conotações dessa escolha são diversas e tão divertidas quanto o próprio gago. Afinal, quem gagueja? Seria o tenor lírico e tudo que representa? Ao fazer isso, Noel estaria marcando uma reação louvável da forma de cantar brasileira – a canção nascente –, depois de mais de um século de exposição

às óperas e operetas marcadamente italianas? A cultura popular de massa avisa que chegou?

9. Um outro ponto é a confluência de tudo isso no âmbito da gestão da cultura. A consciência ou falta de consciência desse processo, gerando flores amorosas ou lírios com ventosas. Colocar como premissa central de gestão o tema da cultura como direito de todos os cidadãos significa investir nessa vertente antropológica/antropofágica – gerando, indubitavelmente, uma série de desequilíbrios transformadores, mas exigindo uma ética do coletivo. Como todo processo inovador, exige um monitoramento dialético constante – por exemplo, investir nas artes é condição *sine qua non* para o sucesso da abertura antropo, para garantir um circuito produtivo entre os diversos pólos envolvidos.

10. Mesmo na ausência de um projeto global somos ainda responsáveis pelo cultivo da utopia como capacidade de transformação humana a partir de conteúdos mobilizadores. Boaventura nos fala de campos de experimentação social, outros citam a ideia de revolução molecular – tudo isso se associa fortemente à luta por políticas públicas, e especialmente para a cultura. Todavia, vale reconhecer que o sucesso ou insucesso dos desígnios culturais que se têm com relação ao Brasil, passa necessariamente pela educação, pelo chão da escola. São cerca de 220.000 unidades em todo o Brasil, e muito depende da consciência que desenvolvam de serem também centros de formação cultural – coisa que está longe de acontecer.

11. Do ponto de vista da pesquisa, é preciso estimular o surgimento e consolidação de grupos de pesquisa que tematizem a relação entre arte e cultura, cultura e arte, sempre a partir da consciência da necessidade de circuitos de ligação entre cultura letrada, cultura na mídia e ancestralidades. Esse desafio é muito mais central do que parece – implica uma atitude transformadora com relação à produção

de conhecimento, portanto, transformadora com relação à própria universidade.

Atualmente lidero um Grupo de Pesquisa (Composição e Cultura) que tem mergulhado nessa articulação a partir da pós-graduação em música. Cito dois exemplos de projetos abrigados pelo Grupo:

– o acompanhamento da relação entre movimento e música num ambiente que não separa esses dois canais (a capoeira), objetivando, dessa forma, a construção de categorias e gestos composicionais capazes de gerar obras musicais híbridas em termos dos princípios adotados para a criação. Por exemplo, a incisividade de movimentos gerando princípios de criação de gestos musicais.

– o mapeamento de estratégias de hibridismo no campo da composição musical brasileira e latino-americana, e a experimentação direta de possibilidades de hibridação no contexto contemporâneo.

12. E finalizando: os ventos pós-modernos trazem consigo a tal da “nova economia libidinal”, e com ela a transformação de uma cultura da neurose para uma cultura da perversão. Numa cultura regida pelo recalque e neurose predominam as operações de identificação e transferência com relação a entidades e blocos de saber que ocupam o lugar do Outro – gerindo a formação dos estilos e modalidades de gozo.

Numa economia onde a ênfase não é mais a fantasia pelo recalque e identificação, e sim a ausência de limites da perversão, há de se considerar principalmente o decréscimo do potencial crítico, a falta de lugar para a rebeldia – já que o Outro entra em eclipse. A formação passa a acontecer no bando. Como ficam arte e cultura?

A Vaselina

O caso foi o seguinte. Minha amiga Neide trabalhava naquela época como auxiliar de enfermagem de um hospital psiquiátrico na Lapinha, tradicional bairro popular de Salvador – o mesmo local onde ficam guardados os carros do caboclo e da cabocla, símbolos maiores da independência brasileira na Bahia. Suspeito que seja um lugar meio mágico. Talvez seja a água...

Aliás, o mesmo local onde, aos nove anos, tive que convencer meu primo João Pequeno, personagem de outras tantas histórias, a não jogar uma bomba (de São João) no pé do Governador recém-eleito, que passaria no desfile cívico em alguns minutos. De nada adiantou, tive que procurar ajuda dos adultos para impedir o espírito festivo de João Pequeno. Detalhe: era época da ditadura de 64. Imaginem o bode que daria.

Mas, voltando ao hospício, o médico de plantão avisou que tinha um compromisso inadiável numa famosa gafeira ali perto. Sairia de fininho, pois dava para passar sem maiores problemas pelo fundo do hospital, numa ligação muito comum naquele tempo entre quintal e quintal. Não vai ter nada, disse ele confiante. Você resolve qualquer coisa. E, além disso, eu volto logo.

Neide ficou nervosa. Isso era lá responsabilidade que jogassem nas costas dela? E ainda sem proveito? A noite parecia mais calma que de costume. Já estava mesmo achando que nada haveria de mais quando o caldo entornou de vez.

Um dos pacientes mais agressivos, psicóticos daqueles que ficavam encerrados em quartos que só têm uma pequena portinhola para colocar as refeições, deu um jeito de enfiar a cabeça para fora da portinhola, e não conseguia recolher de volta.

Ele gritava com toda força, sem conseguir resolver o problema e cada vez mais desesperado. Os outros pacientes acordaram e também começaram a gritar, espalhando o caos pelo sanatório. O que fazer? Pensou em sair correndo feito louca. Mas os loucos estavam lá dentro, e ela devia resolver o caso.

Tentava acalmá-lo, alisava a cabeça toda raspadinha de interno veterano, tentava mostrar que só com calma ele conseguiria encontrar o jeito de desfazer o que havia provocado. Mas nada! E se tivesse um problema maior? Se ferisse o pescoço ou a nuca? Se sufocasse?

A cabeça de Neide girava que nem birro doido. De repente, não mais do que de repente, a inspiração surgiu. Foi até a enfermaria, mais precisamente ao depósito de medicamentos, e trouxe algo correndo. Retirou apressadamente do tubo e espalhou por toda a cabeça e pescoço do coitado.

Daí em diante foi uma questão de segundos, talvez meio minuto. Ele continuou forçando a barra, mas a cabeça reagiu de outra forma. Passou rapidamente pelo buraco apertado, e o impulso foi tão grande que ele quase caiu no chão do outro lado.

O médico voltou. Deu muita risada do acontecido. Elogiou a sua presença de espírito e sua ideia genial. Quem pensaria nisso? Santa vaselina!

PS – As novas gerações talvez nem saibam usos e funções da vaselina, tão habituada com a liberdade sexual e os lubrificantes aquosos. Naquela época a vaselina era o lubrificante universal. Minha amiga realizou uma estratégia cognitiva de translação de uma habilidade de um campo para outro.

Guerra aos estultos

Escrita como provocação aos comentadores da internet

TICO – O sujeito resolveu contar a piada no meio do jantar. O aparelho mais próximo de TV mostrava o hit do Carnaval 2011, justamente no Dia Internacional da Mulher: Vou não, quero não, posso não, minha mulher não deixa não... Ele deu um tempo e mandou brasa...

TECO – Um cara perdeu metade do pau num acidente. Ficou desesperado, mas quando procurou o médico soube que hoje em dia seria fácil reconstituir o órgão danificado. O médico disse que ele só tinha que escolher o tamanho: 15 cm custava 15.000; 20 cm custava 30.000; e 25cm, 50.000.

O cara pensou um pouco e pediu um tempo pra falar com a mulher. Chegou em casa e explicou tudo direitinho: 15 cm, 15 mil; 20cm, 30 mil; 25cm, 50 mil, o que você acha? A mulher pensou e disse: “Eu quero uma cozinha nova”. kkkkkkkkkkkkkkkkkkk...

TACO – Olha, isso aí não dá, baixar o nível desse jeito, que espécie de coluna é essa, meu?! Nós temos que trabalhar pela sofisticação da troca de conhecimento na internet, e não dessa vulgarização sem rumo...

TÔCO – Temos que preparar o estilo de comunicação para os novos consumidores. E além disso, não é pior do que muitos comen-

tários daqui mesmo, na verdade o texto se esforça para atingir a perfeição anárquica dos autores aí de baixo. Pretende se misturar com a galera, você não vai saber quando mudar de estilo. Podem rabiscar tudo e xingar os intelectuais...

TOCA – Esse negócio de “vou não, quero não...” representa a primeira letra (sempre escrita pelos machos) que admite o poder da mulher sobre o homem. Eu disse “sobre o homem”...

TUCO – Veja como a piada alinha os atores estruturais com seus objetos ideais (Propp): o homem e o pau, o médico e a grana, a mulher e a cozinha. Cada par vai dançando seu rebolation próprio... E ninguém se entende. É puro existencialismo.

TRECO – Mas alguém ainda se lembra de rebolation? Graças aos céus passou ao esquecimento e o seu substituto pretendido, o tal do tchubirabiron, não deu em nada... O ano passado aqui em Arapiraca todo mundo da cidade estava caprichando no rebolado, meninas, meninos, homens, senhoras... Uma revolução de comportamento.

TRUCO – uma revolução de abestalhamento!

TRECO – Isso é preconceito puro.

TICA – O homem sonha com o pau de 25 cm, mas não tem coragem de tomar a decisão sozinho. Precisa ir conversar com a mulher. Por que precisa falar com a mulher? Sem o entusiasmo da mulher não tem 25cm certo.

TECA – Toda a preparação da narrativa desemboca nesse non-sequitur: “eu quero uma cozinha nova”. Ninguém espera esse final e, no entanto, ele é absolutamente coerente...

TRÔCO – Mas não é bem isso aí, não. Qualquer psicanalista freudiano explicaria em duas frases o sentido da “inveja do pênis”, não tem ano internacional da mulher que resolva a questão do Penisneid (que é o nome do bicho em alemão). Travada pela negação, ela prefere o homem meio castrado, a mulher reverte para a fantasia tradicional: a cozinha nova.

TRICA – Mas a escolha da cozinha como vingança contra o pênis repressor é de uma caretice enorme. A mulher e os seus quitutes, sua virtude caseira...

TRÔCO – A cozinha aí é um símbolo sexual, sua idiota!

TRICA – Justamente. A gente queimou sutiãs na década de 60 e agora vai dar risada dessa piada sobre cozinha nova? É machismo puro.

CA-TRACA – A mulher tava certa. Como investir as economias da família numa operação tão duvidosa, se a geringonça já não estava funcionando a contento antes?! Grande, embora não ande, foi isso que a mulher pensou...

TURCO – O que mais me interessou na piada foi a crítica ao capitalismo. A postura cínica do médico e de uma ciência totalmente comprometida com o mercado, com a venda de artifícios... A piada enquadra a ciência na era do capitalismo

TUCO – E também como a fantasia masculina do pau grande precisa ser mediada pela ciência vendida. A piada ridiculariza o homem. É uma piada sobre a circulação do poder na sociedade.

TARUCO – É por isso que o Brasil vive cheio de mensalões...

TRINCO – Olha, tem um lance lacaniano na estória: aquela coisa de dizer que a relação sexual não existe. Se existisse, o cara tinha que comer a cozinha... O amor como mal-entendido e aquele blá-blá-blá todo...

TRONCO – O Brasil está em choque com a eleição de uma mulher presidente. Mas é um choque positivo. As marcas do tradicional machismo aparecem como rachaduras, seja nessa piada ou nos hits do carnaval – a mulher não deixa não, e a Mulher Maravilha (o Super Homem ficou fraco)... As coisas estão mudando, mas ninguém sabe onde o Egito vai parar!

Faraó... ó, ó, ó...

Fiz uma viagem, de Dorival Caymmi

*Eu fiz uma viagem
a qual foi pequenininha
Eu sai dos Olhos d'Água
fui até Alagoinha...*

A análise de uma canção nos leva a pensar na lógica de suas estruturas musicais e de como essas lógicas reverberam nos meandros de imaginário que a mesma desencadeia. A canção funciona como uma espécie de espelho de quem ouve. Observe como o protagonista convoca a atenção do colega (e também a nossa) para o desenrolar da narrativa:

Agora, colega, veja
como carregado eu vinha
Trazia a minha nêga
e também minha filhinha
Trazia meu tatu-bola
filho do tatu-bolinha...

Poderia ser Ulisses voltando pra casa na Grécia Antiga, mas o percurso é reconhecidamente menor (dos Olhos d'Água até Alagoinha). Será uma referência inicial (lágrimas?) ao desando da sorte que

virá em seguida? O caso é que há aí todo um jeitão de relato épico, e de orgulho másculo, e é isso que o colega precisa ver, esses atributos fantásticos do protagonista.

Na ordem das coisas vivas e queridas ele carrega sua nêga, sua filhinha e ainda um incrível tatu-bola, filho de um outro, bolinha – até o tatu tem linhagem nessa estória, e é colocado na lista como membro da família! Logo depois vem o portentoso facão, com muito aço e vinte couros de boi manso, fonte inquestionável de poder e de masculinidade, e outros bens de grande valia: 400 galinhas, 20 sacos de feijão, 30 de farinha. São sete atributos de identidade...

A canção envolve um jogo constante entre três perspectivas que se cruzam:

- a. A narrativa propriamente dita, com seus eventos e des-
-eventos;
- b. As marcas de identidade desse narrador-viajante tão peculiar,
retratadas com bastante humor (a bainha do facão tem couro
de vinte bois!);
- c. As artimanhas compositivas de Caymmi que garantem a inte-
gridade do todo e o deslizamento orgânico das partes.

Vale observar que existe uma plateia interior à canção, que ouve o protagonista cantando sua saga a um “colega”. Nós somos uma segunda plateia, e recebemos o efeito dramático desse jogo de espelho.

Obviamente tudo isso remete diretamente ao ambiente das feiras populares no interior da Bahia (e em todo Nordeste) com seus repentes e cantorias. Mas não é “folclore” (mesmo se isso existisse), é Caymmi, montando um universo de representação.

Há toda uma economia de meios para garantir que a atenção fique concentrada na estória que vai sendo contada. A narrativa se divide em duas, a ida radiante do narrador e seu “carregamento”

e os desandos da sorte em Alagoinha. O discurso musical se apoia em dois gestos complementares que se repetem, cada um equivalendo a um verso, ilustrados abaixo em sua primeira aparição:

Ex. 1

A canção é construída por 16 unidades desse tipo, e apenas a última é alterada, como uma espécie de licença poética pra finalizar. Em termos de proporções, estamos diante de algo do tipo: (2+2) + (2+2) + (2+2) + (2+2)...

Eu fiz u ma vi a gem a qual foi pe que ni ni nha
 Mi Si7 Mi

Ou seja: uma regularidade exemplar, sempre versos de dois compassos (*Eu fiz uma viagem*) complementados por mais dois (*a qual foi pequenininha*), do início até o fim. A lógica musical da canção depende em grande medida dessa articulação binária, da capacidade de manter uma espécie de movimento pendular que vai desenrolando a narrativa.

Mi Si7 Mi

Ex. 2

E a atratividade das duas metades pode ser atribuída a vários fatores. A harmonia, por exemplo, que é o mais óbvio: um sai da

Tônica para a Dominante, o outro da Dominante para a Tônica. E só tem isso, dois acordes.

Mas também o contorno. O primeiro saltita como arpejo, o segundo desliza em grau conjunto. Há, entre o final do primeiro e o início do segundo, um espaço considerável (de sétima menor), que empresta ao segundo verso uma expressividade, uma eloquência, típica dessas narrativas populares. E que justifica a descida por grau conjunto.

Esse movimento binário pode ser tomado como guia das coisas simétricas que são usadas na construção do todo. Além das já mencionadas divisões de tempo (no nível macro e micro da canção), surgem também outras ramificações.

Todos os objetos de amor e de orgulho que são listados na primeira parte da narrativa – nêga, filhinha, tatu-bola, facão, capoeira, feijão e farinha – reaparecem na mesma ordem, na segunda. O tal “colega”, que é o destinatário direto do discurso, aparece abrindo e fechando a narrativa.

Mas a pulsão simétrica acaba transitando para uma bagaceira sem fim, gerando uma enorme assimetria de expectativa. Rompe-se impiedosamente com a aura radiante do início, levando cada “objeto” a um destino particularmente infeliz. O orgulho incontido do narrador-viajante vai de encontro ao constrangimento do desando da sorte. Já pensou no drama da morte de 400 galinhas? Ou na morte do tatu-bola – reconhecido membro da família? Ou a bexiga que deu na nêga (varíola?). Mas o caso é que a desgraça é “cênica” – assume efeito de espetacularidade.

Esses dois extremos (simetria e bagaceira) se encontram na construção de outra coisa, algo que tem a ver com a capacidade de rir de si mesmo, dos altos e baixos da vida, da espantosa união entre graça e desgraça, orgulho e miséria – tudo isso com amplo respaldo na tradição popular e na experiência nordestinas.

Não se pode dizer que a canção é épica. A rigor, seria uma tragédia, mas no esquema milenar da tragédia o herói deve ter alguma culpa, mesmo quando não sabe disso, como é o caso de Édipo. Ora, a única fonte plausível de culpa na canção seria o orgulho do narrador-viajante.

Talvez estejamos diante de uma fábula nordestina que reforça o sentimento coletivo de que não se deve ter nada como garantido, e muito menos se gabar das coisas... Será?

O gesto final muda o andamento de forma drástica e resolve de uma vez aquela distribuição de infelicidades. Surpresa e relativização de toda a ordem usada até então. O que era monótono se apressa.

Agora veja: a harmonia, que representava o movimento da viagem através do movimento pendular, recebe um acorde diferente, o Lá Maior (Subdominante), e essa pequena-grande mudança nos informa que aquela hipnose da narrativa acabou de acabar. Ou seja: quando a harmonia “anda” é porque parou! É como se o protagonista dissesse: olha, tudo isso é representação, posso acabar com toda essa lenga-lenga em um segundo... e zás!

Ex. 3

Gor gu lho deu no fei jão co le ga E deu mo fo na fa ri nha

Mi Si7 Mi Lá Mi

Do ponto de vista musical há várias escolhas que provocam uma convivência íntima entre simetria e assimetria. As ideias musicais sempre começam fora do tempo, e produzem muitos desequilíbrios de síncope. São calcadas numa alternância fiel de proporções de ‘1’ e de ‘2’, estilo característico da rítmica africana transposta para

os nossos gêneros musicais – veja tabela abaixo. Daí a quantidade daquilo que chamamos de “síncopes”.

Além disso, verifica-se com certo espanto que nenhum dos 16 gestos é igual a qualquer outro. Há sempre um pequeno detalhe de ritmo ou de escolha de nota, motivado pela prosódia, criando esse verdadeiro painel de coisas que parecem iguais, mas são diferentes. E isso é muito pouco comum:

Ex. 4

1.
 2. Eu fiz u ma vi a gem
 3. Eu sa i dos O lhos d'Á gua
 4. A go ra co le ga ve ja
 5. Tra zia o meu fa cão
 6. Vin te cou ro de boi man so
 7. Mas a sor te de san dou
 Rou ba ram/o meu fa cão

O exemplo acima lista apenas 7 variantes do primeiro verso/gesto – de um total de 16 unidades. Mesmo sabendo que é apenas uma mostra parcial do verdadeiro painel de pequenas diferenças que se acumulam ao longo da canção, já dá pra ter a sensação das sutilezas

musicais envolvidas no processo do compor. Se isso é preguiça, macacos me mordam!

Esse tecido musical super-diversificado oferece um contraste marcante com a regularidade exposta anteriormente e espanta qualquer monotonia. Vejam as proporções de cada gesto:

1. $(2+2+1+2+1+4+3=15)$
2. $(2+1+2+1+2+2+2+3=15)$
3. $(1+1+2+1+1+2+3+2=13)$
4. $(2+1+2+3+1+5=14)$
5. $(2+1+1+2+2+2+2+2=14)$
6. $(2+1+2+1+2+2+2=12)$
7. $(1+3+1+3+1+5=14)$

E mais uma vez: Viva Caymmi!

PS: Dois agradecimentos: a Tuzé de Abreu que me apresentou a canção, e ao *Songbook* de Chediak que registra com precisão essas estripulias de Caymmi.

Cultura e Superego Selvagem

O fervor místico de ex-viciados me espanta e entenece.

Há claramente uma formação delirante, cuja couraça impede qualquer exercício de razão.

A conversa roda em círculos, a mitologia se oferece como âncora de salvação: contra o quê?

Lutar contra o sofrimento é uma coisa, contra a memória do prazer desmedido, bem pior.

Há aí nesse enlace entre prazer e sofrer uma equivalência perversa – a diminuição na taxa de prazer é sofrimento, a diminuição na taxa de sofrimento, prazer.

A psicanálise desenvolveu uma síntese, e aprendeu a chamar esse iô-iô de gozo. Quem sofre também goza, confirmam fobia, hipocondria, obsessão, histeria e pânico.

Mas, oh, cronista desassuntado: que assuntos são esses? Pra onde vai a cultura?

Pois é, pra onde vai a cultura, que a vejo aproximando-se mais e mais da experiência de adição/vício; que a vejo mais e mais como recepção um tanto frenética dos novos produtos e formatos...

Se isso é uma tendência, como estaremos em duas décadas?

Que buraco negro se instala nos milhões de cérebros ensinados a exigir códigos imediatos de empatia e felicidade instantânea, rejeitando com frieza qualquer proposta de adiamento do prazer de reconhecimento e júbilo?

Os sujeitos de hoje tendem a gozar sozinhos na onda das bulimias, das anorexias, das toxicomanias. E esse é um fato de divã.

Como poderia ser diferente na relação com a arte, com a música, por exemplo?

Como legitimar “causas” e “princípios” no campo da arte e da cultura, se essas coisas implicam necessariamente um enlace com o campo do Outro, a construção de uma historicidade coletiva (haveria outra?)?

Será por isso que todo o ambiente de reflexão crítica e de intervenção crítica, duramente conquistado no Século XX, parece simplesmente condenado à irrelevância comunicativa nos dias de hoje – sendo a irrelevância comunicativa a pior irrelevância que existe?

O espaço anteriormente reservado à “causa” vai sendo progressivamente substituído pela estratégia de visibilidade, o “gancho”, aquele algo mais capaz de conquistar público e mercado.

A substância permanece. Algumas canções da jovem guarda já soam como clássicos.

Hoje podemos apreciar o conteúdo profético da antiobra de Andy Warhol. Sua obra anuncia tudo o que estamos falando. E vai além: lá a seu modo, tanto materializa como denuncia o que está acontecendo. Celebra e desnuda ao mesmo tempo.

Adeus ao superego difundido pelo freudismo, aquele que reprime e censura. Quais as consequências de produzir arte/cultura sem essa baliza, na era do gozo ilimitado?

Vivemos na época do superego selvagem, uma instância descoberta/inventada como origem da ordem inexorável que permeia os humanos: Goza!

A ordem para gozar – descobrimos com Lacan (que mostra ter lido nas entrelinhas de Freud) – é a ordem mais fundamental. A ordem pra gozar é a ordem para ser e existir.

Lá no sertão, já dizia o forró: Antonio Guedes, Zeca Guedes, Mané Guedes / O diabo desses Guedes que não param de Guedar..
O poeta transformou o nome em verbo; todos nós passamos a vida Guedando, a nosso modo.

Mas quando o gozo é ilimitado, e quando banimos para longe a mediação da causa, ficamos diretamente em contato com essa ordem primeira de um outro onipotente, tal como no fervor místico dos ex-viciados, onde o que sobra é do campo do pavor dessa proximidade, do pavor de gozar tudo e de morrer.

Será esse o futuro/presente da cultura?

Examino com admiração a fotografia de uma flauta feita de osso de ganso, datada de 36.000 anos antes de Cristo. A música sobreviveu a tudo.

Mas tudo isso é irrelevante num planeta que aquece a olhos vistos.

70 Anos de Amélia

*Nunca vi fazer tanta exigência / Nem fazer o que você me faz
Você não sabe o que é consciência / Não vê que eu sou um pobre rapaz*

– Agora em 2011 vamos comemorar 70 anos de criação da canção “Ai, que saudades da Amélia”, e não deixa de ser uma proeza sobreviver com tanta força no imaginário brasileiro, aí tem coisa...

– o encontro entre Aaulfo Alves e Mario Lago deu muito certo, chega a ser difícil pensar que primeiro um fez a letra e depois o outro colocou música, o resultado é tão orgânico, a canção vai fluindo com uma inteireza que dá gosto...

– talvez seja uma das primeiras oportunidades (em termos de cultura de massa) de discutir a mulher brasileira, e de lá pra cá foram 70 anos de grandes transformações...

– hoje nós estamos mais para “deixa a Dilma me levar” do que para “meu bem, o que se há de fazer?”. É isso, são milhões de mulheres exercendo liderança familiar e profissional...

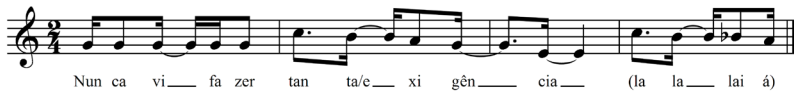
– talvez justamente por isso a Amélia tenha permanecido como uma espécie de pano de fundo, oferecendo uma medida das transformações que iam ocorrendo.

– mas a personagem sempre aparece nas conversas como paradigma da passividade: “não pense que eu sou uma Amélia não, viu?”, é o que muitas mulheres dizem hoje (mesmo quando são)...

– lá em 1942, houve um concurso para escolha do melhor samba pro Carnaval, e foi dureza enfrentar a *Praça Onze* de Herivelto e Grande Otelo. Mario Lago fez um discurso esgoelado louvando a Amélia como essência da mulher brasileira! Resultado: as duas canções ganharam o prêmio.

– sobre a tal inteireza da canção: veja que Ataulfo pega o verso de Mario Lago e retira dele um ritmo que já está lá dentro. A acentuação interna do verso parece que já traz o ritmo sincopado do início (observe as proporções de 1+2+2+1+2).

Ex. 1



Nun ca vi ___ fa zer tan ta/e ___ xi gên ___ cia ___ (la la ___ lai á)

– essa proporção aponta diretamente para o universo rítmico africano, pode ser entendida como a parte sincopada do ritmo ijexá. E como o tema se espalha pela canção unificando discurso e rebolado, já viu, né?!

– então Amélia dançava ijexá pelas mãos de Ataulfo? Amélia era negra, branca, morena, mulata, era tudo isso?

– o que estou dizendo é que o gênero samba passou a ser um caldeirão de fervuras e refervuras, de gestos rítmicos africanos no Brasil. Quanto a Amélia, existiu mesmo, foi empregada de Aracy de Almeida. Ela e o irmão (Almeidinha) falavam tanto dela que Mario Lago acabou achando que aquilo daria samba...

– mas olha, todo mundo só concentra a discussão em torno da personagem Amélia, mas tem muito mais em jogo. Quem está can-

tando é um macho-lírico, afinal tudo não passa de suas representações... lembra Bentinho e sua Capitu.

– sempre me interessa pela “Outra”, aquela que não tem nome e ocupa a maior parte do texto; em grande medida é ela que define a Amélia, por contraste...

– pois é, o macho-lírico está dolorido com essa turbinada que faz exigências... Ora, se faz exigências é porque sabe o valor da mercadoria, deve ser uma gostosona...

– ela é voraz (*tudo que vê, quer...*), interesseira e superficial (*só pensa em luxo e riqueza*), e apronta (*...o que você me faz*). Coitado do cara...

– e assim, do lado dele o que aparece é rancor, decepção, queixumes (mas o desejo está lá...), tudo isso abrindo o caminho para a saudade idílica da Amélia...

– o artesanato da canção se alimenta dessa dramaticidade, seja pela dinâmica dos contornos melódicos, pelo tratamento sequencial de várias Dominantes individuais (Lá, Mi e Ré, em Dó maior), ou pela proliferação de cromatismos...

Ex. 2



– queixas e idílios das duas primeiras estrofes são encaixados nesses quatro gestos (todos têm um clímax e depois descem); a presença das notas dó#, fá#, sol# e o conectivo sib, estranhas a Dó Maior, gera uma série de inflexões interessantes e “chorosas”; conjuntos complexos são formados por essas inflexões.

– no plano conceitual, o que está em questão é mais do que a descrição de um tipo de mulher, é toda a dinâmica de gênero e de sexualidade, e isso fica bastante claro na análise da oposição entre as duas imagens (uma santa, a outra... “turbinada”)...

– e o “macho-lírico” que as imagina, o qual exerce o poder de nomear uma “mulher de verdade”, confirma que na dialética da sexualização só um outro pode dizer “Tu és mulher!”...

– mas diz isso na direção contrária ao desejo, celebrando uma mulher sem vaidade – um atributo ancestral da feminilidade e gatilho da própria masculinidade!

– o que seria do desejo masculino sem o jogo de esconder e revelar tão próprio da vaidade? A mulher sem vaidade não seria meio homem?

– ou Amélia seria a única solução para um macho manter o seu poder e autonomia? Será que a canção anuncia o ocaso desse macho brasileiro dos anos 40 e pretende se firmar como uma espécie de canto do cisne?

– não foi por acaso que inventaram outro final para a canção: “Amélia que era mulher de verdade, tirava a roupa e ficava à vontade!”. A paródia reúne, para deleite do ouvinte, os pólos do conflito – a abnegação e a sacanagem... –, e assim o caso fica resolvido.

Seja breve!

No Juízo Final isso não passa de um pum

Mach es kurz! Am Jungsten Tag ist es nur ein Furz.

Goethe sabia das coisas. Colocou essa belíssima frase na boca do seu personagem demoníaco – Mefistófeles –, só que rimando, e em alemão.

E hoje a recomendação do diabo está na ordem do dia em todos os cantos, principalmente na internet.

Tem valor especial quando aplicada aos personagens políticos – de quem tanto dependemos – e seus intermináveis discursos. Imagine se as casas legislativas de todo o mundo colocassem essa insígnia em seus plenários...

Mas também se aplica ao fazer artístico com igual relevância. O que dizer das óperas?

Fico admirando a imagem de um juízo final montado como um grande resumo de tudo, lembrando uma espécie de “vale a pena ver de novo”, ou BBB total.

Seria (ou será) fantástico. Assistir tudo que importa da vida humana numa única sessão. Pelo menos podemos ter esperança de que a ótica da narração não será a mesma dos filmes americanos.

Vale lembrar que naquela cena de julgamento divino no *Auto da Compadecida*, de Suassuna, Jesus é negro. E sua visão não é a dos senhores do nordeste. Há esperança.

Lembro de pelo menos dois criadores que reconstruíram essa imagem da visão ciclópica final: Machado de Assis no fantástico delírio de Brás Cubas, e Raul Seixas, em “Eu nasci há dez mil anos atrás”. Ambos deliciosos.

Mas voltando ao dito. Chamo a atenção para essa associação atroz entre o diabo e o mundo de baixo, o mundo dos puns.

Para Freud – que usou a expressão como forma de ironizar Jung (em alemão, “Jungsten Tag” forma um trocadilho entre juízo final e “dia de Jung”, e os dois já estavam brigados) –, o diabo estaria aí refletindo um mecanismo de repressão, bastante germânico, por sinal, dessas sujidades.

Outra coisa impressionante é que esse pum finalístico, ou pum final, está sendo adotado pela gozação do diabo por ser coisa muito breve e insignificante.

Percebo, dessa forma, que a metáfora de Goethe acaba sendo musical. O pum é apenas um tempinho sonoro, sujo e insignificante na presença divina.

Como se a presença divina criasse um tempo dentro do tempo geral. E mais: como se esse tempo especial fosse sonoro.

Para quem nada esperava desse tema, está aí, de forma bem implícita, uma teoria do tempo em música. Que, por razões óbvias, não será possível desenvolver aqui...

Mas fica a ideia: a música como um domínio tocado pela presença divina (ou diabólica), onde é possível construir um tempo especial, um tempo próprio, diferente do tempo do relógio.

Um tempo, que justamente por ser diferente do tempo geral da vida, pode ser manipulado, atrasado, dilatado, até mesmo interrom-

pido. A música suspende o tempo comum, e se oferece como substituto equivalente. Ou, pelo menos, cria uma tensão entre os dois.

Pense, leitor, na bossa nova. Não é a toa que ela consegue os climas que consegue – barquinho deslizando no mar; no cantinho, um violão. A bossa nova constrói uma noção especial de tempo com sua batida e suas harmonias. Um tempo malemolente, que passa mas não passa, como a Garota de Ipanema.

Muito diferente da valsa de Strauss que rodopia no salão ou no espaço sideral, ou mesmo da bateria de escola de samba, ou do frevo. No caso da bateria, ficar no meio daquela multidão de ritmos (sem samba enredo) tem o efeito paradoxal de parar o tempo. É uma experiência de não-linearidade. A música não quer chegar em lugar algum, apenas permanecer efervescente e reboletiva.

Já o frevo é bem diferente. Puxa pra frente – e acumula energia no corpo por causa da acentuação disciplinadamente fora do tempo, é só conferir os seus passos. Quando você entra na música não tem jeito, vai deslizando até o fim, como em *Vassourinhas* ou em *Atrás do trio elétrico*, que, por sinal, fala que o diabo nasceu na Bahia...

Cruz credo, já falei demais!

Ê bumba ê meu boi: uma crônica de Natal

Sou daquelas pessoas que são atraídas pelo Natal. Não este das lojas. O que me fascina é o aparentemente impossível da solidariedade humana, sendo o Natal um de seus símbolos.

Devidamente cultivada, e levando-se em conta o estado da arte no mundo, a solidariedade humana é quase louca. Aliás, Freud não poupa tinta na desconstrução do “mito” do amor desinteressado, desapegado do outro, desapegado de qualquer compensação egotônica (isso aí parece tônico capilar).

Porém, quanto mais impossível, mais atrativa essa loucura humana de abrigar tuberculosos de rua num colégio secundário contra tudo e todos (como fez Irmã Dulce ainda jovem), ou a mania de proteger crianças com fome na África ou ali na esquina (um abraço para o Padre Alfredo), de estudar e tramar uma sociedade igualitária...

Tirando o medo/incerteza terrível que quase nos constitui – e há algumas boas razões para isso –, a vaidade que nos hipnotiza, tirando a vontade indômita de ser melhor do que os outros, tirando o ímpeto de poder, e a necessidade de nos protegermos de tudo isso em nossos irmãos, somos ternos. Profundamente ternos.

Talvez venha dessa polaridade complexa a força daquela afirmação hoje arquetípica do Che – endurecer sem perder a ternura.

Esse é o valor humano por excelência? ...Aquilo que realmente interessa – sendo a solidariedade um caso particular?

A ternura da condição humana, seu quase desamparo (sua *helplessness*) aparecem muito bem desenhados no vídeo *L'Animateur* (não deixe de assistir no YouTube): um druida medieval percorre os planetas reencenando a criação com uma riqueza de detalhes impressionante. Esse druida alegórico é ao mesmo tempo Deus e artista – já não se sabe se é a narrativa que nos inventa ou o contrário.

Evidentemente, todos esses valores – ternura, desamparo, solidariedade – convergem para a pureza do cenário do presépio, devidamente sacralizado pela participação de uma estrela que guia os reis magos naquela direção. Incenso, mirra, manjedoura, carneiros, jumentos, pastores, cajados, estrela, Oriente Médio – tudo isso fazendo parte ativa, desempenhando um papel.

Somos feitos de poeira cósmica e de sonhos, e o desamparo da ternura é uma das melhores evidências dessa consciência improvável, capaz de romper as duras camadas de todas as outras, numa aventura tão incerta quanto o nosso destino.

E para finalizar essa história, pensando na ternura como coisa viva e chifruda, basta lembrar do Bumba-meu-Boi, considerado por Renato Almeida como a manifestação-folguedo mais brasileira de todas, e justamente planejada para acontecer no ciclo de Natal, entre novembro e 6 de janeiro.

Esse boi canta e dança, corre atrás dos outros, bate, chifra, não precisa de tablado, acontece no nível do chão, em praça pública ou em residências, e quando morre vai dividido democraticamente por todos que com ele lidam – e não apenas com os donos.

Acontece que vez por outra o boi ressuscita. E segundo consta em textos bem antigos, pode ser a partir de uma “ajuda” (clister!), ou porque lhe oferecem ouro, um engenho ou ainda uma moça bonita, quando não é pelo mais simples dos métodos – um puxão da cauda.

E quando esse boi ressuscita estamos de novo diante da miríade complexa de eventos e situações chamados de vida. E aí, haja ternura...

Feliz Natal.

Para onde vai o ego?

Para onde vai o ego? Para onde nos leva? Em suas palestras em Harvard (1939), Stravinsky lembrava que a noção de autor-compositor individual foi surgindo junto com o imaginário da burguesia incipiente, no início da Renascença – na Idade Média essa não era uma prioridade. De lá pra cá tem sido uma intensificação só. E agora, na época do capitalismo cultural, essas perguntas impertinentes assumem uma centralidade vexatória tendo em vista a exaltação desmesurada da individualidade, e essa espécie de artistificação progressiva ou espetacularização de tudo – da osteoporose ao câncer de próstata. Mais importante que a cátedra: o *talk show*.

Antigamente os artistas eram artistas, os outros não. Ego de artista era ego de artista. Os outros tinham noção e postura, havia todo um resguardo de gabinetes, consultórios e distâncias regulamentares com relação a médicos, advogados ou engenheiros. Para quê imitar os artistas e boêmios? Podia pegar mal. Egos excêntricos sim, moldados pelos palcos, pela constante exposição à fantasia alheia, mas tudo, tudo, em nome da arte. A sublimação era escudo e altar.

O que acontece hoje é uma artistificação forçada. Muito menos em nome da arte do que em nome de mecanismos oferecidos pelo “sistema”, a partir de egos espetaculosos que dão as cartas e movem montanhas. Ao invés de socialismo e distribuição de renda e oportunidades, o que aparece no horizonte do capitalismo é esse hiper-

-capitalismo narcísico das celebridades, dando origem a uma nova ecologia de egos. E mais do que isso, dando origem a repetições em escala, a vulgarizações em escala, colocando em risco a própria noção de autenticidade. Todos preferem ser modelo. O que é legítimo? Eu.

Digo ecologia porque é palavra limpa e cristalina, mas bem que a vontade é dizer patologia. Não sei se os profissionais da área estão classificando cuidadosamente esses tipos de desvio que cada vez mais aparecem como defesa contra a depressão, contra o perigo de sentir-se vazio e inexpressivo no meio do turbilhão – e certamente os profissionais da área também estão sendo afetados pelo mesmo fenômeno, o que complica as coisas. Lembro que Lacan disse em alto e bom tom naquele livro que tem um elefante na capa, que o ego é o sintoma humano por excelência. E aí, cara, fudeu. Quem é que quer ou pode “ficar bom”? Perder o bilau do ego? Jamais. Também não se sabe o que seriam egos animais. Jacaré tem superego?

Brincando... Quando Lacan fala em sintoma, fala em mediação entre a conquista da normalidade neurótica (top de linha das aspirações normais) e o espatifamento no real, sem mediação simbólica, com forclusão do “nome do pai” e tudo que tem direito (delírio, psicose e o escambau). Observa que o sintoma cumpre sua função de mediador, explicita uma geografia psíquica, confere identidade.

Para alguns teóricos da psicanálise via sociedade, a globalização coincide com um fenômeno abrangente chamado de “declínio do nome do pai”. Todas as ações de desconstrução da ordem vigente (inclusive os ditames da modernidade), a partir dos anos 60, se enquadrariam nesse ciclo. É o que leva Melman a prever que a passagem pela castração (processo de construção de identidade sintonizada com os referenciais do pai simbólico, da lei), estaria sendo cada vez mais problemática, aleatória, frágil ou incerta. E assim, da mesma forma, cada vez mais haveria delinquência em todos os níveis.

Não parece existir delinquência mais frequente em nossos dias que a síndrome do ego-espetaculoso.

Os egos humanos estão sendo, cada vez mais, moldados pelo olhar de quem os consome, seja no Big Brother ou na Caras. E de quem é a doença – de quem representa, de quem assiste ou de quem pauta e filma? E quem disse que é doença? É *Zeitgeist* – espírito da época, ou melhor, da estação, com modelito, passarela virtual e tudo.

Os novos egos não convivem bem com a noção de instituição. Redirecionam para si e para seus objetivos especulares a energia que antes circulava pelo organismo da dita cuja. O que dizer da pesquisa, quando esta importa menos que o pesquisador? Adeus àquela ética laboriosamente desenvolvida pelo Iluminismo, que estabelecia uma competição leal entre as ideias. No capitalismo narcísico, o que importa de fato é a quem a ideia ilumina.

E pensar que, em nome da liberdade, Spinoza costurou um discurso crítico com relação ao prazer (libido), honras e riquezas. Parece ter pedido que seu nome não constasse da obra que deveras escreveu. Não considerava digno de um filósofo. Puro contraste: meu amigo verifica seu nome no Google três vezes ao dia.

De volta à própria arte: sobreviverá aos novos egos e à crescente fusão com a publicidade? Espoliados de sua marca distintiva, de sua “razão de espetacularidade”, os artistas de hoje ou se adaptam ao regime superficial em prol da visibilidade, ou transformam essa superficialidade em coisa densa (sem perda de rebolado; como?). Não sendo assim, precisariam secretar substâncias capazes de torná-los independentes de sua necessidade estrutural de testemunhas, priorizando um, e apenas um objeto erótico: a gaveta.

ZAP: foi a vida ou o controle remoto?

No silêncio, sem TV: flashes de tudo me azucrinam. Cortei o serviço a cabo, estou com síndrome de abstinência. Era vício. Diversas coisas se alinham na memória, ligam e desligam. Imagine só, Carlos – o vigilante rodoviário da década de 1960! Zap! Hebe e Gabriela, oh, vida! Zap! Alop rado inglês cozinhando, esse rapaz tempera tudo com afobação. Zap! Um carro explodiu. Zap! Militares ninjas estão cercando uma casa. Zap! Sexo misturado com violência. Zap! Humor americano (contradição nos termos?). Zap! Perseguição na estrada. Zap! Finalmente uma orquestra – e está executando a 3ª Sinfonia de Brahms, mas que chatice, tem-um-sujeito-irradiando-o-concerto, dizendo o que devo ouvir, e como: “ouçam a clarinete nesse segundo tema, belíííssimo”. Zap! A queda dos juros. Zap! Transe religioso! Cadeiras vazias no Congresso. Massagens eróticas. As mulheres do Curdistão. A vida selvagem do Alaska. O crocodilo abocanhou a zebra pelo pescoço. Que pena! A mulher amassa os seios gigantes querendo ser irresistível. Zap! Hora de entender tudo sobre cremes hidratantes.

Com que realidade o mundo é sonho!

Eu cantarei de amor tão docemente...

Meninas de bicicleta, que fagueiras pedalais, quero ser vosso poeta...

Ninguém pode saber que é que tu sonhas, nem tampouco tu sabes...

E, no entanto, a vida é um milagre.
A memória é um milagre. Tudo é milagre. Zap!
Chega de saudade.

Já experimentou essa posição? Tudo sobre sexo. Lubrifique bem. Próxima pergunta... Você deve decidir se está ou não disposta a aceitar que ele faça xixi em você. *Dog style*. Pode sim causar infecção. Tem uns aparelhinhos maravilhosos, eu recomendo este daqui!

Agora começou uma guerra. Os correspondentes já estão sendo acionados. Mandam notícias pelo telefone, mas logo estarão ao vivo. Tanques invadem o território inimigo. Quem é mesmo que está na linha do mal? Zap! Manifestações de jovens contra a globalização. Os soldados usam escudos transparentes. Vai começar o quebra-quebra. Zap! Remodelagem total. Cirurgia radical. Nem o marido conhece quando a fulana retorna. Você não sabe se vestir. Com o tamanho do traseiro que tem, devia usar isso! Zap. Fora com essas gorduras criminosas. Você é um enfarte ambulante.

Trezentas pessoas vestidas como Capitão Kirk ou como Spock, exercendo seu direito e mania de serem “jornada nas estrelas”: “Não estamos fazendo mal a ninguém, voltamos pra casa pacificamente”. Estão em todos os lugares: São Paulo, França, Austrália. A francesa diz revoltada que lá eles não têm espaço, pois as pessoas não consideram isso “cultural”. Vive la France! Numa cidadezinha americana uma delas foi participar de um Júri, vestida de “guerra nas estrelas”. A coisa esquentou. Já em Varsóvia, depois da Lista de Schindler, surgiu um curioso roteiro turístico: conduzir os visitantes ao lugar onde “o menino gordo” foi espancado e caiu! É o filme que faz a cidade. Na Bolívia, todos querem ver o lugar onde Guevara foi morto.

Hora de entender tudo sobre cremes faciais. A vida dos famosos. Os trejeitos são muito mais importantes que as ideias. Vivemos num mundo de muitos trejeitos e poucas ideias. Inundação no sul da Índia. Uma notícia em espanhol. A mesma em alemão. Agora o sotaque

é britânico. Pelo menos, os italianos têm uma fanfarronice que os distingue. Todos falam ao mesmo tempo. Será que é pela via da Itália que vem a deselegância discreta de nossas meninas? Enquanto isso, Rita Lee posa de Brigitte Bardot, levanta bruscamente a blusa pra mostrar dois seios enormes, de borracha. Moleca, hilária, consegue entrar no jogo e ao mesmo tempo sinalizar o seu ponto de ridículo.

Moral da história: O capitalismo cultural exercita sua habilidade aparentemente inesgotável de indexação imaginária do mundo e da vida. O resultado tem jeito de liberação, mas também parece algo da ordem de uma dependência química paralisante, o vício da informação fragmentada como divertimento, gerando bilhões de dólares em algum lugar do planeta. Todas as fantasias escancaradas são também produtos, com etiqueta e tudo. Qual o limite do processo? Será que é possível mesmo manter um mundo sem causas? Ultrapassar tudo isso em nome do espetáculo? Num mundo sem causas a quem devo obediência civil? Ao apresentador mais comunicativo? Se tudo funciona como se estivéssemos num grande *fast-food* de informação, o que seria mesmo a realidade? Morreu? Talvez fosse melhor voltar ao mundo da poesia, onde as fantasias apareciam com todo o cuidado da forma:

Farei que amor a todos avivente, pintando mil segredos delicados...

Meninas, soltai as alças, bicicletai seios nus!

A criança que pensa em fadas e acredita nas fadas, sabe como é que as coisas existem, que é existindo.

Não faz mal. Flui, para que eu deixe de pensar.

PS - Obrigado Camões, Vinicius, Drummond, Bandeira e Pessoa

Tio Milton: anarquia em doze flashes

Cena I

Tinha sete pra oito anos e levou um saco de pipoca para a sala de aula. Isso foi lá pelos idos de 1920. Comia às escondidas. Bastou um pequeno descuido e a professora viu. “Milton! Traga esse saco de pipoca...”. Lá se foi a alegria e a aula continua... Chata como sempre. Talvez o assunto fosse frações ou capitâneas hereditárias. Dá nos nervos de qualquer um, imagine de Milton? Lá pelas tantas, quase não acreditou no que viu. A professora colocava a mão na gaveta assim como quem não quer nada, e meio disfarçadamente... A safada estava comendo! A temperatura subiu, e de repente a explosão inevitável: “Sua corna, você está comendo minha pipoca!”. Corta. Milton na sala do diretor.

Cena II

Na volta pra casa, andando com as irmãs Didi e Zizi pela Baixa dos Sapateiros, a maior diversão era encontrar lojas onde ninguém estivesse prestando muita atenção ao balcão, principalmente na parte onde ficava aquele rolo de cordão para embrulhar os pacotes. Milton entrava de fininho, pegava a ponta do cordão e saía correndo

feito um doido. Levava sempre alguns segundos até o funcionário entender o que estava acontecendo. Em seguida, não tinha jeito, tinha que sair correndo atrás...

Cena III

Brigava em todas as festas da família e da vizinhança, sempre acabava trancado de castigo. Uma vez, com raiva do pai, subiu lá para cima do sobrado e passou a gritar para o mundo que a goiabada que o pai distribuía era falsificada. E o cofre, orgulho de venda da família, vendido como modelo de segurança, não resistia a incêndio algum...

Cena IV

Férias no interior. Descobriram por lá que Milton detestava ser chamado de “camarão” (era branco e ficava todo vermelho por qualquer coisa). Pois bem, foi levado pra cortar cabelo numa barbearia tradicional da cidade, com uma vidraça enorme onde se lia o nome do proprietário. Lá pelas tantas, não é que o dono achou de chamar o menino de “camarão”?! O serviço ainda estava pela metade. Metade da cabeça raspada. Milton correu para fora, pegou uma pedra e tascou-lhe na vidraça... Fim de férias.

Cena V

Durante a revolução de 30 fez inúmeras ligações fictícias para pessoas imaginárias falando em armas, em encomendas e entregas de explosivos e de munição. Um belo dia, a polícia chegou na porta.

Levaram Milton. Deu um trabalho danado para explicar que era tudo invenção.

Cena VI

Já grandinho, quando precisava de dinheiro ia ao galinheiro da mãe e escolhia dois dos melhores espécimes. Passava pela janela da frente e mostrava pra velha a tremenda pechincha de comprar aquelas duas maravilhas que fulaninho ali da esquina estava vendendo... Milton descobriu que tinha talento para os negócios. Não tinha limite na disputa com o parceiro, ganhava no nervo. Dizem que salvou a firma do pai num momento de crise. E herdou boa parte dela: representação de tecidos. Alguns anos mais tarde, andava por aí de fusquinha e motorista...

Cena VII

Com a turma do Largo da Pólvora. Queriam entrar numa festa de feijoada e a dona não deixava. Finalmente conseguiram, com jeitinho e paciência. Depois de um tempo a dona da casa aparece descabelada e gritando desesperadamente. Quando abriram a panela do feijão, encontraram o gato da casa fervendo que nem carne seca... Quando não era isso, estavam amarrando jornal embebido em que-rosene em rabo de urubu, pra ver subindo e pegando fogo...

Cena VIII

Grande festa na Casa D'Itália. Era durante a guerra entre a Itália e a Abissínia. Milton subiu no palco, pegou o microfone e gritou:

“Viva a Abissínia!”. Primeiro um silêncio constrangedor, depois veio a correria, todo mundo atrás dele.

Cena IX

Depois de muito cortejado pelo tesoureiro de um clube de festas do Engenho Velho de Brotas, bairro de tradição negra em Salvador, Milton promete fazer uma contribuição vultosa para o baile que se aproximava. Daí pra frente foram não sei quantos encontros. Finalmente, meteu mesmo a mão no bolso e contribuiu com uma quantia considerável. Todo mundo ficou muito agradecido. No dia da festa, lá estava o grande benemérito sentado em sua mesa de honra, tomando uísque e contando lorota. Lá pelas tantas o anfitrião se aproximou querendo retribuir a cortesia: “E então, seu Milton, deseja mais alguma coisa?”. Seu Milton, já meio alto, fez cara de coisa séria e disse, “olha, eu quero sim, e quero ver se vocês vão me negar isso, eu quero mijar dentro do piano!”. O tesoureiro saiu para consultar o resto da diretoria. Depois de cinco minutos havia uma discussão enorme sobre o assunto, daí em diante foi só briga, tapa e confusão. Lá se foi a festa...

Cena X

Quinze anos da filha adotada. Sabe quem foi contratado para cantar na festa da debutante? Ivon Cury! Isso no início dos anos 60, quando o sujeito era um astro nacional: “...essa rosa no cabelo e esse andar de moça prosa, morena, morena rosa...”.

Abandonou os estudos cedo, mas leu tudo que era romance. Citava Machado de Assis sem qualquer cerimônia. Do alto de sua

experiência, preconizava: “não é maluco quem quer, só se rasgar dinheiro e comer bosta escondido...”

Cena XI

Era carnaval. Convidou o vizinho para tomar umas e outras na beira da piscina. Seu esporte favorito: contar vantagem. Depois de três ou quatro copos, já era proprietário de vários imóveis em Nova Iorque. O vizinho ficou melindrado e resolveu partir para o contra-ataque. Falava do carnaval em Caruaru, da quantidade de confetes e serpentinas. Quanto mais cresciam as propriedades de um em Nova Iorque, mais animado ficava o carnaval de Caruaru. Quando o vizinho, finalmente, chegou a afirmar que naquela altura os confetes e serpentinas já estavam pelos joelhos dos foliões, tio Milton não pestanejou: “passe daqui pra fora, seu mentiroso sem vergonha!”

Cena XII

Já aos 60 recebe a visita de um sobrinho, que aos 22 anos está prestes a casar. Foi levar o convite junto com a noiva. Um casal de jovens estudantes de medicina, bem no início dos anos 70. Depois de alguma conversa fiada, bomba: “Pois é, meu filho, quando o casal é assim como vocês, que são parecidos, fazem a mesma coisa, se entendem, mesmo assim o casamento é uma merda... imagine quando é como o meu e de Iaiá?” Iaiá estava sentada ao lado, nem tchum...

Parece que dá um roteiro... Nunca entendi, mas sempre respeitei esse “anarquismo genético” que se manifesta na minha família numa série de variantes, das quais o tio Milton foi o paradigma. Ainda lembro da guitarra vermelha que nos presenteou depois de algumas cervejas.

Guerra interpares: meu amigo tem razão

Recém aposentado, depois de trinta e poucos anos de trabalho, o professor voltou a seu escritório para recolher papéis e livros. Deu de cara com um jovem membro do grupo antagonista: “O que é que você ainda está fazendo por aqui, cara?”

Para onde vai a alegria do conhecimento, vive faltando às reuniões de departamento?

O Professor A e o Professor B não se topam. Travam uma luta diária no âmbito dos espaços institucionais da universidade, um cabo-de-guerra que oscila alguns centímetros para cá, e outros para lá. Isso já vem assim há várias décadas, e todos têm conhecimento do assunto, que surge de forma sub-reptícia na pauta de cada eleição, concurso ou avaliação.

Um deles fez carreira sob as asas de uma liderança tradicional, o outro veio de fora, apoiou-se na autoconfiança e naqueles que buscavam resistir ao tal líder. Ao longo do tempo, os territórios da academia foram sendo ocupados e polarizados pela disputa.

Um foi mais feliz na investida com o CNPq, o outro contrabalançou com a CAPES. Um ganhou mais espaço na pesquisa, o outro nos serviços, na mídia e em cargos públicos associados à área. Cada qual foi se aliando a importantes grupos acadêmicos de outras partes do país, e também a instituições internacionais distintas.

Depois de alguns anos, os cargos de mando ora são ocupados por um adepto do campo A, ora por um adepto do campo B. As demonstrações de filiação a um dos campos são exigidas em ambos os casos, e vão sendo traduzidas em aprovações de projetos e *grants*, concessão de honorarias, homenagens especiais, tais como placas e nomes de laboratório, publicações, etc.

Quem já viveu numa universidade sabe da “abrangência” dessa inhanha. Mas que fenômeno é esse? Qual o tema? Poder, certamente. As engrenagens internas do poder universitário, mas também as expectativas de poder embaladas pela instituição (ou melhor, pelos seus membros).

Quando alguma visita era anunciada no departamento, já se podia antever com clareza se quem estaria em efervescência era um ou outro campo. Duas estratégias básicas: procurar dificultar a passagem do visitante com perguntas incômodas e até mesmo traiçoeiras, ou esvaziar o evento, fingir que nem soube.

O Professor C foi aluno do Professor A e absorveu ao longo de sua formação a perspectiva do tal conflito. O Professor D foi aluno de B. Ambos precisaram moldar-se à paçoca, emprestando novos ângulos à mesma, e hoje trabalham com ela, e às vezes para ela. Os alunos se dividem nos dois campos, e logo percebem que não dá para ficar mudando de time. As oportunidades de emprego e de pós-graduação estão claramente vinculadas à filiação escolhida, e seguem de perto a oscilação de poder.

Há muita gente que se considera vítima desse processo. Quem já fez um concurso e ficou impensado entre o fogo dos dois lados, ou mesmo foi

protagonista de um dos lados da peleja e se sentiu injustiçado. Muitos acreditam que a universidade é o lugar privilegiado das panelinhas. Mas e daí? O show não pode parar, pode?

Os melhores alunos de A geralmente completam treinamento nos Estados Unidos. Os de B costumam ir para a Europa. Na verdade, o último concurso para ingresso de novos docentes ainda está sendo avaliado no âmbito dos conselhos superiores. Houve recursos de ambas as partes buscando invalidar os resultados obtidos pelos principais candidatos. Aguarda-se uma decisão final.

A construção de relacionamentos é um processo tão forte na engrenagem universitária que muitas vezes a premissa dominante é simplesmente a seguinte: Quem é que tem razão? Meu amigo, ora. É ele que deve vir ao seminário-banca-de-concurso-festival-o-escambau...

Numa época em que a identificação com os grandes discursos e bandeiras vai derretendo de forma preocupante, as causas vinculantes para os universitários passam a ser as tendências especializadas dos próprios campos de conhecimento, a coesão entre instituições e financiamentos, a projeção pessoal e por aí vai.

Uma análise mais densa do fenômeno deveria incluir o reconhecimento de que a universidade acalenta vários vetores – não é uma fazenda onde a tradição impera, nem o reinado exclusivo da competência, oscila, meio que imprevisivelmente, entre o que Weber denominava de poder da ciência e poder da política.

O que mais preocupa é a quase total ausência de espaço para o tema. Ninguém o discute a sério, embora modele a vida de quase todos os ambientes universitários.

Estou inclusive incorrendo numa imprudência. O que dirá o pessoal do campo B? Cuidado, Paulo, cuidado...

Apologia do sovaco

Não sei por que cargas d'água dei a pensar sobre o conceito de sovaco. Mas será que o sovaco é um conceito, uma função ou figura estética? Vamos e venhamos, o sovaco é a essência do entre-lugar. Não é uma coisa, nem outra, e, ainda por cima, cabeluda ou raspada.

Nem mesmo do Aurélio merece grande consideração: “da mesma origem incerta que o espanhol sobaco (axila)”. Só diz isso, e anexa um dito popular – “sofrer que só sovaco de aleijado”.

Poucas palavras são humilhadas assim pelo pai dos burros. Nada define, a não ser a origem incerta (entre-lugar outra vez), e logo com quem, com o sobaco espanhol, galego, argentino, sabe-se lá mais o quê...

E, por cima de tudo, uma humilhação conclusiva remete o leitor à sua contraparte letrada “a axila”, que tem origem no latim e ganha definição precisa: “cavidade na parte inferior da junção entre o braço e ombro (sovaqueira)”. Sovaqueira! É simplesmente um abuso.

O inglês, com seu renomado pragmatismo, chama o sovaco de “arm pit” (nada a ver com Brad Pitt. Será?). E em alemão vai praticamente do mesmo jeito: “buraco do ombro”. Nunca vi ombro ter buraco.

Pois bem, agora sabemos que o sovaco é uma cavidade. E talvez por causa dessa característica topográfica tenha acumulado ao longo do tempo uma série de inhanhas imaginárias, porque o buraco é um dos conceitos fundamentais na psicanálise, creiam.

Aliás, a ciência confirma a sexualidade do sovaco, ou pelo menos, do seu cheiro. Pesquisadores das universidades de Liverpool e Praga colocaram 30 mulheres para cheirar o sovaco de 48 homens, classificando-os em termos de masculinidade e *sex appeal*. A cena é esdrúxula, mas amparada pelo método científico.

A conclusão do estudo é inesperada: as mulheres preferem parceiros dominantes, aliás, sovacos dominantes para ser mais preciso, durante o período de ovulação, supostamente em busca de genes promissores, e no resto do tempo os outros. Entre o sovaco e o adultério, apenas um passo.

Mas talvez a escolha do tema tenha sido apenas um artifício inconsciente de me vangloriar de mim mesmo, um pleonasma bastante comum entre colunistas e assemelhados. Fui ou devo ter sido um dos primeiros a perceber o potencial de espetacularidade do dito cujo, e organizei, no início dos anos 70, um concurso de sovacos entre colegas do Colégio de Aplicação.

Isso muito antes da pérola “suco de sovaco”, de Carlinhos Brown, que alude ao sovaco comunal, suado e percussivo, embora possa parecer iguaria questionável. Na verdade, uma alegoria do trabalho e da libertação através da música, ou seja, sovaco e ideologia não são incompatíveis.

Numa direção bastante distinta temos o bloco carioca Sovaco de Cristo, que traduz uma certa perspectiva do Corcovado, quando visto de baixo. Essa associação entre Cristo e sovaco exemplifica o potencial anárquico do meu personagem, e a disposição galhofeira do povo do Rio.

Voltando ao concurso, não deu pra fazer dentro do colégio, foi proibido. Fizemos na rua, ganhando visibilidade, porém sem a participação das meninas. Só os homens toparam entrar na maluquice. Éramos uma turma de 30 a 40 colegas para espanto dos passantes, que também paravam para entender o que estava acontecendo.

Entre luxo masculino e originalidade, foram premiadas algumas concepções interessantes, tais como o “sovaco natalino” (com bolas e algodão), o “sovaco baleado” (com uma bala de revólver amarrada em alguns fios de cabelo), e os impagáveis “sovacos xifópagos”, unindo dois participantes em uma só alegoria.

Sovacos à parte, para onde é que vai uma crônica assim talhada? Se as crônicas têm sovaco, então estamos justamente lá, no entre-lugar peludo entre nada e coisa alguma, unindo a estranheza da língua à estranheza da vida.

Espero que de alguma forma tenha ajudado a perfumar o seu dia. Sovaco, oh sovaco, que estranha potência a vossa!

Se não gostou desse escrito, não tem outro jeito, só procurando mesmo o sovaco da cobra.

Entrei por uma porta e saí pela outra. Senhor, meu rei, que me conte.

Laboratório de pedagogia

A professora se aproximou da aluna e perguntou: “eu não já disse que é proibido merendar dentro da sala, depois que bate a sirene?”. Pegou o copo de suco de laranja com todo cuidado e derramou na cabeça da vítima. Choro e consternação. (1971)

Calunga jogou tinta tóxica no aparelho de ar condicionado. Poucos minutos depois todo mundo estava quase vomitando de enjoo. Aula suspensa. Ao questionar as coordenadoras com relação ao ocorrido, eis a resposta: “nós somos construtivistas”. (1995)

O professor ridicularizou a aluna com crueldade. Fez-se um silêncio raivoso. A aula parecia retomar o fio da meada quando um estudante levantou sem pressa, saiu da sala e bateu a porta com toda força. Sustos. Mais um minuto, outro aluno repete a cena. Mais outro. Foram dezoito batidas de porta consecutivas e o fim de uma relação incerta. (1967)

As mãos do jovem pianista nem sempre acertavam a tecla correta, e, lá no canto, escondida em algum lugar, uma régua traiçoeira saía de vez em quando para marretar a mão do menino! (1990)

A arte de chupar mané-velho (uma fruta praticamente extinta) e jogar o caroço com toda perícia para cima, para que atingisse o teto com a velocidade exata de grudar, e de não cair. (1964)

Aula de Urologia: o professor abre a caderneta ao acaso enfatizando sua isenção de espírito. O primeiro sorteado é um jovem negro, alto e forte, de óculos e aparência culta. A segunda é uma

mocinha branca e franzina, com dedos muito fininhos. “Por favor, doutora, demonstre para a turma o exame genital do paciente”. Inacreditável. (1974)

O coral estava ensaiando à noite. A maestrina irritava a quase todos, especialmente os homens lá do fundo. Sem quê nem pra quê, desligaram as luzes. Foi um bafafá danado. Quando acenderam, lá estava ela caída no chão e um tanto apalermada: não é que alguém havia lhe dado um bofete? (1965)

A professora sempre chegava andando pela chuva. Os alunos ficavam impressionados: “Saia da chuva, professora”, “Não, eu gosto de chuva”. Hum, pensaram os meninos: ela gosta de maconha! (1970)

O rapaz era um primor de educação. A professora, exigente, imprevisível e meio neurótica – ninguém entrava na sala depois dela. Bateram-se os dois na porta de entrada, que estava bloqueada por uma carteira e só dava espaço para um deles passar. O rapaz segurou o passo, fez uma pequena reverência – “primeiro a senhora”. Ela agiu rápido, entrou e bateu a porta na cara dele. E era dia de teste. (1970)

O menino de seis anos estava tendo sua primeira aula de trabalhos manuais. Com todos distraídos, achou muito mais engraçado tirar pequenos pedaços das calças de brim dos colegas. Lá pelas tantas alguém percebeu o estrago e deu o alarme. Foi um quiproquó da zorra. O que fazer? (1961)

Espalharam na escola que aquele professor erudito e estranho só tinha um ovo. Ele acabou sabendo do boato. Resultado, passou a levantar as calças até acima do umbigo, justamente para provar o contrário. Aí é que a coisa ficou estranha e tragicômica. (1966)

Os alunos atrasados encontraram a porta fechada e a aula era valiosa. Pegaram uma escada e entraram na sala pela janela, um a um. O professor fingiu que não estava vendo e tudo acabou bem. (1968)

Todos reunidos na sala como se fosse um julgamento: ia começar a distribuição de bolos. A palmatória subia e descia com força,

impulsionada pelo braço gordo da professora. Os meninos mais levados tinham até um certo orgulho disso, e hoje o que aparece é uma nostalgia estranha capaz de misturar quintal, brinquedos, violência e justiça como se o nome disso fosse infância. (1977)

No primeiro sábado a turma aprendeu ciência dissecando um rato branco. No segundo encontro foi um sapo, e no terceiro um calango ou coisa parecida. Que beleza descobrir a ciência aos 14 anos. No quinto encontro foram chamados para assistir a autópsia de um recém-nascido, o intestino ia sendo desenrolado em metros e metros de puro terror. (1968)

A diretora entrou na sala para dar uma prensa na turma. Colocou o problema e as atitudes que não considerava desejáveis, e com toda elegância foi constringendo os envolvidos. Foi aí que a aluna levantou o dedo e falou sério: “professora, a senhora sabe que nos dias de hoje, com a teoria da relatividade, tudo é relativo...”. (1971)

Entrei por uma porta e saí pela outra. Senhor, meu rei, que me conte outra.

Saudades do pituriçu

Para quem não conhece, é uma fruta maravilhosa do agreste brasileiro. Mais doce do que umbu doce quando maduro – se você também não conhece umbu, aí a coisa fica difícil –, e no final com uma pitada de travo que nem pitanga.

Nunca mais vi em lugar nenhum. Será que é fruta extinta? Verifico que pouco se fala de frutas extintas, mas que existe, existe, ou pelo menos deve existir. Espero que não seja o caso. E nem do mané-velho, do ingá e do bacupari. Por onde andam?

A última vez que comi bacupari, pensava que era “bacupariu”, estava montado no cavalo “Pisa macio”, da fazenda Jibóia, e achei o gosto inesquecível. Tinha 5 anos.

Abro a geladeira noturna e a saudade que me persegue parece com a vontade de comer pituri maduro até dizer chega. E lembro que essa é a época da fruta, entre o Natal e o Ano Novo.

Pituri que a gente chupava quando criança e jogava o caroço pra cima, na hora da fila na escola, tentando a velocidade certa para grudar no teto.

O teto todo cheio de caroço era o placar de um esporte refinado, e quando acabava a temporada da fruta, ficava ali a lembrança de como era gostoso comer e disputar o jogo.

Depois a diretora tinha que mandar limpar tudo e dar uma mão de tinta branca, pois não é possível começar o ano letivo sem tinta branca, é?

Na feira vendiam pituri nas latas de litro e de meio litro, entremeadas pelas folhas verde-arroxeadas do piturizeiro, uma árvore de porte médio e um tanto rústica, com copa globosa e folhagem perene.

Sabe quem é fanático por pituri? Papagaio. Come tudo e depois fica rolando o caroço entre o bico.

Tinha gente que gostava mais ainda do pituri-mirim, uma frutinha pequenininha quase com o mesmo gosto, só que um pouco mais travoso, certamente por causa do pouco caldo.

E tinha também o pituriaçu, bem mais raro, com muita carne, lembrando aquela fibra branca e lanosa do jambo, só que muito doce e perfumado.

Na verdade, não sei quantos de vocês conhecem jambo, acajariana, sapota, mututi, tupixá, tipiti ou araribá-rosa.

Não se faz uma infância completa sem as frutas perdidas. Meu primo mais guloso lavava dez mangas e botava em ordem “da mais madura para a mais verde”, e depois chupava tudo, de uma em uma. Depois do almoço...

Já Regina, uma moleca de saia, preferia manga verde com sal.

Deviam fazer uma pesquisa sobre as propriedades nutricionais do pituri. Garanto ao pessoal da Embrapa que tem vitamina C e traços de magnésio. Garanto que dá uma boa fritada, que nem maturi, e que pode vir a constituir importante fonte de recursos para todo o agreste.

Mas não se pode comer pituri em excesso, dá cólica e até mesmo uma certa distonia. Às vezes o sujeito começa a falar bobagem e contar mentira.

Que se há de fazer? Nem tudo é perfeito. Só a infância com suas frutas perdidas.

Entrei por uma porta...

Shantung e Crepe Georgette

As solenidades de casamento são um verdadeiro laboratório para o estudo do imaginário nas diversas classes sociais brasileiras, e em especial para a classe média alta, que encara a ocasião como um encontro com sua própria legitimidade.

Tudo aquilo que às vezes se esconde no cotidiano aparece de corpo inteiro nesses momentos sagrados, no qual o imperativo de estar fazendo o melhor e o mais adequado para os filhos – e sempre tendo em vista o olhar da sociedade presente – impera.

Mas exatamente “o quê” aparece de corpo inteiro, além daquelas duas senhoras ali na frente que esbanjaram no shantung e no crepe Georgette, em decotes que tendem a mostrar carnes saltitantes ou saltitosas, e xales europeus de charme e desnecessidade gritantes... Por que será que esses dez modelos de escova progressiva insistem em captar minha atenção? – há sempre uma neo-loura desafiando a cervical e balançando os cabelos de um lado pro outro.

Pois é: entre vestidos de organza, chiffon ou tafetá, aparece esse desejo um tanto grotesco de trazer pra perto de si ares da aristocracia francesa, de roliud em dia de óscar, em suma, de ambiente glamuroso proporcionando de forma palpável uma sensação de sucesso e de prosperidade.

Cercada de pobreza por todos os lados, a classe média alta brasileira convive diariamente com o medo de descer alguns degraus em direção à miséria do populacho. Que o casamento seja justamente

uma negação desse perigo, uma afirmação de potência e distinção, não espanta.

A solenidade assume portes de grande produção e pode envolver máquina de fumaça (para uma entrada triunfante da noiva), recepção com DJ, buffet com camarões em cascata, “violino encantado”abrindo alas para o cortejo nupcial, lembranças, manobristas, champagne e tudo mais que a imaginação colonial ofereça como atributo de um paraíso orgástico e cerimonial. O conteúdo poucas vezes é levado em consideração.

A música da solenidade geralmente é organizada em pequenos fragmentos cronometrados pelo tamanho da nave, misturando ave-marias diversas, sucessos antigos, fanfarras e trompetadas, clássicos de sempre, música de filmes famosos, uma ou outra excentricidade escolhida pelo casal, tudo isso amarrado pela coerência infalível da marcha nupcial.

Aliás, a gente “fina” vive mudando de regras, inventando modas, e sempre estabelecendo uma fronteira bem clara com relação ao gosto dos pobres ou remediados, que nas mesmas festas de casamento vestem lamê, esbanjam na renda de nylon, preferem mega-hair, mangas bem cavadas e sutiã de alça de silicone, além, é claro, das tradicionais soluções visuais que passam pelo prateado brilhante cravejado de pedras...

Nas igrejas mais modestas os casamentos são marcados a uma distância de meia hora. Já presenciei a incrível cena na qual a noiva das 19h entrou com o noivo das 18h30 no altar (pois a sua própria havia atrasado). Foi um quiproquó danado. Como resolver a questão? Sai a noiva andando na trajetória contrária, ou sai discretamente o noivo legítimo das 18h30? Ninguém queria ceder. Lauza completa.

Um olhar comparativo sobre os dois imaginários tão brasileiros – o da classe média alta e o dos pobres e remediados – acaba levando

a uma pergunta constrangedora. Como decidir qual o mais grotesco: a imitação, ou a imitação da imitação?

Aliás, essa é a pergunta que não quer calar com relação à atitude cultural no Brasil. Os casamentos são apenas um dos cenários possíveis. Há inúmeras situações onde esses padrões se repetem...

Uma coisa me parece clara. Pelo menos o estilo dos pobres tem uma inocência tão exposta que quase se aproxima da autenticidade. A classe média podia fazer melhor, mais verdadeiro. Será?

Quando o sermão e demais vocalizações dos celebrantes são meramente formais e vazios, ou simplesmente reforçando os dogmas católicos (como agora parece ser a norma), a ambiência lustrosa e acetinada dos ricos parece potencializar essa dolorosa sensação de vazio.

Entre mulheres que se produziram demais (muitas vezes com efeitos contrários), cavalheiros de terno e gravata, muitas flores e alabastros, pequenas lágrimas de canto de olho, stress e nervoso de produção, e custos bastante consideráveis, vai passando a classe média alta, exagerando em quase tudo pela necessidade visceral de se imaginar menos classe média, menos colônia e menos mestiça.

Ou dá ou desce

O assunto transcende.

Olha que maneira elegante e misteriosa de iniciar uma crônica!

O assunto transcende!

Não precisa dizer nem o assunto, nem o que estaria sendo transcendido. Talvez seja mais um importante passo na direção do ideal de escrever a crônica sem pecado e sem assunto.

Mas com esses desvios que comentam o processo, a forma e até os ideais, talvez perca de saída o leitor objetivo, aquele que deseja ir direto ao cerne da experiência, sem transcendências, se possível.

E será que existe mesmo a alternativa de “ir direto ao assunto”?

Por exemplo, essa facilidade sem preliminares que o texto da internet exhibe a cada dia... Não seriam todos os textos da internet mais ou menos influenciados pelo mundo virtual pornô?

Ou seja: assim como nos sites de sexualidade explícita, os textos da internet são compelidos a dar logo o que têm que dar, são plasmados, de alguma forma, pela impaciência da “pulsão de ver” que habita os nossos voláteis usuários.

Se quiserem uma formulação mais popular: ou dá ou desce! Desce com o cursor procurando coisa mais palatável página abaixo.

Trata-se de uma pulsão que invade tudo, desde a ciência ou arte de arrumar produtos numa prateleira de supermercado, ao mundo das notícias, passando pela política (basta lembrar do “bateu, levou”), pelo ensino privado e, certamente, pelo *show business*.

Sendo assim, “ir direto ao assunto” comporta, além do próprio assunto, uma transcendência que, no mínimo, é o próprio estilo do mostrar, ou do fingir que vai mostrar.

Mas esse princípio do “ou dá ou desce” – e seu complemento, a pirraça e o fingimento tipo *strip-tease* – parece fazer parte mesmo do cerne da comunicação humana. São elementos indispensáveis da dinâmica das narrativas, e têm a ver com a dosagem daquilo que vai sendo oferecido.

A rigor, o simples ato de prestar atenção se relaciona com essa lei do “ou dá ou desce”, através da esperança constante de produzirmos prazer e sentido.

Neste ponto vale abrir um parêntesis para perguntar pelo significado original da expressão “ou dá ou desce”. Alguém já disse que a expressão original seria, na verdade, “ou dá ou desse”, fazendo um revirão entre presente do indicativo e pretérito do subjuntivo.

Outras versões incluem a alternativa motorizada (ou dá ou desce do carro, moto, etc.) e o do dilema absurdo-e-lógico (ou dá ou desce as calças).

As alternativas confirmam que a expressão dramatiza um certo fatalismo bastante em voga: “ou dá, ou dá de qualquer forma”. Predomina, portanto, a eficácia de uma economia de serviços.

É claro que a impaciência da pulsão do leitor é uma função do próprio mercado. Ele sai avaliando o prazer da leitura em termos da rapidez do “chegar diretamente ao assunto”, e daí vai resvalando de manchete em manchete.

Mas se o leitor ainda está conosco é justamente por causa do frisson de um tema como o “dá ou desce”. Estamos tirando energia do mesmo moinho, apesar das pinceladas de erudição. Me contaram que tem gente que lê os textos de Freud apenas para se excitar. Os assuntos são sempre facas de muitos gumes.

De forma que o assunto desta crônica pode recair em campos tão diversos como a economia, a comunicação, a psicanálise ou teorias das artes. Pode também fingir que está em alguma dessas áreas, algo absolutamente legítimo diante da leveza do meio.

Imaginem se Jane Austen tivesse que escrever seus romances pela internet. Acabo de ler o folhudo *Mansfield Park*, no qual a gente fica curtindo os volteios da pena durante páginas e páginas, até que o sujeito perceba que está se apaixonando pela donzela.

Parece óbvio afirmar que a dinâmica da recepção de narrativas tem se acelerado com o advento do capitalismo cultural. Há uma diferença notável entre Jane Austen e o BBB. A ejaculação precoce era incompatível com o romantismo. Que frase mais jocosa e inconveniente – só mesmo numa crônica desassuntada como esta.

Entrei por uma porta e saí pelas outras.

Avisa lá

Quem são os ícones da paz em nosso meio?

Outro dia essa questão surgiu assim, no canto de uma reunião, aflorando sem planejamento ou premeditação. Resultado: levou à percepção de que há uma dificuldade considerável em identificar pessoas que encarnem de forma contundente e inconfundível o valor da paz.

Será que isso também acontece em sua cidade, em seu universo local? Quem é da paz por aí? E o que dizer do assunto se a escala mudar do âmbito local para o âmbito nacional, ou continental?

Quantos Gandhis existiriam por aí sem a atenção devida? Quem é o líder da paz na escola, no trabalho, na família?

Será que desenvolvemos uma estrutura de comunicação social, midiática, que impede a plasmação desses perfis apaziguadores?

Ícones da fama, do poder e da riqueza são assuntos diários. Há revistas especializadas em listar os mais ricos do mundo, mostrando a centralidade do valor. Ícones do crime e da contravenção também ocupam espaços gigantescos. A violência é memorável e a paz não?

Que revista “especializada?” publica regularmente uma lista com ícones da construção de paz? Venderia?

Entre a paz e os bumbuns, o público consumidor tem mostrado fidelidade aos últimos. Espera-se a cada semana enxergar algo diferente nas mesmas cenas – condição desejante? (Um amigo meu

garante que cada uma é realmente diferente da outra, há sempre uma coisinha a mais” obviamente, está certo).

Mas de onde viria o desejo de paz? A paz pode ser representada como desejo? Como traduzi-la em termos das teorias da mente humana? Vemos em vários modelos que ela acaba sendo apresentada como homeostase, ou seja, como equilíbrio dos conflitos.

É muito pouco quando percebemos a paz como construção positiva em torno do indivíduo (uma cura), como malha ética do todo social (uma utopia), como preservação do planeta (uma urgência)...

A fome de paz aparece em tudo quanto é canto, um sinal de que anda muito mal acomodada em nosso cotidiano. As mensagens de autoajuda aumentam a cada dia. Uma enxurrada de imagens consoladoras, de pequenas histórias encantadas ou salvacionistas do indivíduo.

Aumentam, aliás, na mesma proporção do comércio da espiritualidade. E o comércio da espiritualidade, traição da própria espiritualidade, é um sintoma agudo da ausência de paz. Uma traição a Buda, Jesus ou Oxalá.

Obviamente existe o Prêmio Nobel, uma iniciativa em âmbito global, que tem projetado pessoas que se envolveram em questões significativas para todos. Mas, tirando isso, o resto parece um deserto de iniciativas.

Principalmente porque a necessidade de paz é sentida em todos os níveis. Desde o ambiente psíquico de cada cabeça-mundo, até as raias dos conflitos armados, passando pelo grupo familiar, pela comunidade de bairro, pela cidade, região, estado e país.

Também não ajuda muito vivermos nós, sete bilhões de cocurutos humanos, sob um sistema mundial que premia o que mais lucra, o que mais rapa, como disse Gregório de Mattos, em meados dos 1600, na Bahia do capital comercial:

Neste mundo é mais rico o que mais rapa...

Quem tem mão de agarrar, ligeiro trepa...

Foi isso que conseguimos inventar de mais eficiente e criativo? Nós, uma espécie cuja matéria constituinte é basicamente sonho, como lembrava Shakespeare?

Logo haverá quem observe que nessa situação sistêmica de valorização dos mais aptos para a riqueza, a ausência de conflito já é, em si, uma violência insuportável. Esconde a rapinagem sistêmica.

Para diminuir essa violência, urge então explicitar os conflitos, resistir ao sistema. Uma guerra santa. Um breve período de ditadura do proletariado para garantir a inevitabilidade da revolução – segundo Atali, Marx concebia esse período sem perda da liberdade de imprensa.

Logo se vê que ser ícone da paz não é coisa fácil. Aparentemente requer uma travessia por entre a questão da justiça no mundo. Mas como tratar de forma racional a necessidade de justiça e equanimidade desses seis bilhões de cucurutes?

Descartes fez uma contribuição desconcertante ao tema. Observa que o bom senso é a coisa mais bem compartilhada no mundo. Ninguém se sente privado desse bem de consumo. E se todos se sentem possuidores de bom senso, quem vai perceber onde está o bom senso de fato?

A defesa da paz parece sinalizar que a paz é um valor mais abrangente que a própria racionalidade. A paz seria, dessa forma, uma racionalidade transcendente e radical, uma garantia de continuidade do bom senso, do planeta e da própria racionalidade.

Agora só falta avisar ao mundo.

Boutique JP: você gosta de autenticidade?

Gosta? Ou despreza as flores de plástico, porque acredita ver nelas a sombra de uma morte do objeto original?

Como reage diante do desfile televisivo das escolas de samba paulistas?

E aquela “champanha” de maçã?

Percebe a diferença entre o Mozart tocado em Salzburgo ou Caruaru? O de Caruaru pode ser melhor?

Quantos Michael Jacksons existem no mundo?

Quantas imitações de Cauby já ouviu em toda sua vida?

Existe a cópia genuína?

O que é que só poderia acontecer no mundo a partir de sua presença genuína, prezado leitor?

A autenticidade parece coisa simples, mas na verdade é uma narrativa complexa, envolvendo um contexto de origem, uma comparação com algum objeto ou situação a ser classificado, e a escolha de critérios para realizar essa operação de afeto e cognição.

Para Sócrates, a autenticidade de pensamentos e ações devia ascender com relação ao nível da mera opinião, em busca de conhecimento. É dessa forma de autenticidade que vai surgir o modelo para a individualidade no Ocidente?

Mas alguém pode muito bem dizer que o contexto original só existe por causa das cópias e imitações. Sem imitações não haveria autenticidade (é a posição de Adorno).

O que dizer do folclore: seria uma autenticidade congelada, com uma placa pregada na testa – “autêntico”? Ora, o autêntico mesmo não precisa de placa.

Antigamente passava horas vendo o desfile televisivo das escolas paulistas. Era um verdadeiro painel de pequenos detalhes completamente fora de contexto, uma sandália inapropriada, adereços em geral, vestimentas e posturas corporais – tudo muito diferente das escolas cariocas.

Com o passar dos anos foi havendo maior profissionalização e hoje já me pergunto se não estaria surgindo uma nova forma de autenticidade. Estranha para o meu gosto viciado, mas quem sou eu?

E aquela baiana ridícula que botam pra receber turista em tudo quanto é canto, distribuindo fitinhas do Bonfim?

Nessa época em que tudo se vende, a autenticidade passa a ser valor agregado. A venda da sensação de autenticidade acaba gerando vários graus distintos de perfeição-imperfeição, para várias faixas de consumo.

Basta caminhar pelas Zé Paulino da vida (boutique JP).

Ou curtir a música minimalista de Phillip Glass – são recortes do mundo da música tonal, pequenos encadeamentos e cadências. Mas vá tentar fazer igual. Não chega perto.

Ser índio antes de 1500 não tinha nada a ver com autenticidade. Hoje tem uma porção de artistas envolvidos no “resgate” das culturas indígenas.

Mas então, o que garante que algo seja autêntico?

Certamente, a inexistência nas proximidades de algo que possa ser considerado ou mesmo confundido como mais autêntico ainda.

O que faz um político autêntico, e outros, muitos outros, não?

Vivemos no mundo da cópia digital. Há situações incômodas ou simplesmente hilárias em que a cópia é muitas vezes melhor que o original.

Qual a delicada relação entre liberdade e autenticidade?

Livre na cópia, castrado pelo modelo?

Entrei por uma porta... E ainda não saí pela outra.

Mídia e democracia

Guardo na lembrança o caso de um evento realizado aqui em Salvador. Tudo indica que o repórter tenha sido instruído a desfazer do acontecido, botar defeito, salientar adjetivos negativos. Veio o editor e tascou-lhe uma manchete acachapante: “quase ninguém compareceu à praça...”.

Porém, o destino queria cunhar um exemplo engraçado dessa falsa liberdade de imprensa. Por algum descuido inexplicável, colocaram como ilustração uma foto do evento, mostrando milhares de pessoas presentes e desmascarando a farsa. Ficou parecendo uma matéria de cunho surrealista, onde o texto e a imagem se digladiavam sem parar.

Mas, mesmo assim, não houve qualquer comentário sobre o assunto. Ninguém se interessou em reclamar ou mesmo registrar o que havia acontecido. Normal!

Será que as pessoas estão simplesmente acostumadas com essa distorção diária da realidade? Devemos conviver e aceitar a noção de liberdade de imprensa como sendo o somatório de visões caolhas e interesseiras, produzindo, supostamente, uma força resultante benéfica para a sociedade?

Obviamente, em ano eleitoral somos brindados com a rara oportunidade de conferir de perto a divisão do território da informação em termos dos aglomerados de poder, e a discussão do tema parece mais do que oportuna.

Percebe-se com muito mais clareza a ingerência dessa engrenagem no controle daquilo que vai a público. Mais do que nunca, vemos, lemos e ouvimos perspectivas editoriais e políticas.

Como poderia ser diferente? A eficiência do sistema depende justamente de que não haja desperdício – ou jantares gratuitos. Assim como não há notas de cem reais soltas no ar, também não há informações desinteressadas.

De forma geral, as informações veiculadas estão necessariamente ancoradas na estrutura de produção – produção de riqueza e dos sintomas da época –, na possibilidade de lucro, nas narrativas de poder.

De forma abrangente, verificamos mais uma vez como era profético aquele livrinho de Lyotard sobre o papel da informação como mercadoria no capitalismo pós-industrial – *A Condição Pós-Moderna*.

O saber passa a ser o principal ponto de estrangulamento para o desenvolvimento dos países periféricos. E numa vertente interna, a qualidade de manuseio da informação passa a ser o ponto de estrangulamento para a viabilização de democracia.

Ora, da conjugação entre democracia e eficácia (desculpe, não resisti à tentação de colocar este falso acento) depende o desenvolvimento social dos países – inclusive os periféricos.

Igualmente profético é Silviano Santiago (de 1998), que numa verdadeira pérola de concisão e profundidade esboça duas opções de caminho para o Brasil: a primeira enfatiza uma pseudo-modernização que equivale a permanecer periférico; a segunda assume o risco de inverter as coisas, desenvolvendo pesquisa e transmissão de saber numa espécie de redoma constantemente monitorada e avaliada com relação ao meio ambiente avançado.

Para ele, a primeira opção é mais fácil, pois dependeria apenas da boa disposição privatizante do governo federal, auxiliado por

eficiente campanha publicitária que mascare as perdas em conquistas. A segunda opção exigiria a participação da sociedade como um todo, além da construção de um ambiente que não fosse o nacionalismo ultrapassado, que não fosse o modelo isebiano do período JK.

Pois é justamente nessa quadra – a construção de um modelo de desenvolvimento próprio – que a discussão da liberdade de imprensa torna-se essencial como ferramenta de interação entre eficácia e democracia.

O mercado da informação tem que ser acompanhado de perto, tal qual o mercado de ações. O surgimento de uma cadeia pública de televisão é condição necessária, mas não suficiente.

A sociedade precisa aprimorar seus mecanismos de avaliação da qualidade da informação transmitida ou inventada pelos canais competentes ou não.

Como faremos isso? Que iniciativas já caminham nessa direção? Como acabar com os abusos que são tão frequentes entre nós?

Ei, você aí!

Me dá um diploma aí...

Eu sei que esse título aponta para a sutileza de um elefante enfurecido. Mas e a realidade, não? A lógica do dinheiro (lucro) e a lógica do ensino são compatíveis? Quando um aluno compra um pedaço de conhecimento, está automaticamente minando a inteireza do processo? E quando um cientista vende um pedaço de conhecimento novo?

Qual o ponto cego da relação de compra e venda? O que é que não pode ser configurado como negócio numa narrativa de aprendizagem e/ou de pesquisa? O que é que define quando prevalece a dinâmica do toma-lá-dá-cá?

Se fosse possível comprar socialismo, os americanos já teriam aderido ao sistema há muito tempo (disse Herbert Brün).

A inteireza do processo: o que seria? Algo da ordem da liberdade de escolha? A liberdade de construir (de dentro para fora) uma resposta? Uma resposta a quê? A liberdade para decidir sobre os valores envolvidos. Para criar? A liberdade de buscar uma causa, até mesmo quando parece que desapareceram da face da terra? E isso pode fazer parte do pacote?

Ô cronista aloprado! Você não percebe que toda a classe média brasileira está em escolas pagas e se acha bem?

Não entenda esse troço ao pé-da-letra. Tem coisas admiráveis em educação que não são públicas, tipo os jesuítas no Brasil. E tem muitos entraves na esfera pública, a começar pela dificuldade de fazer vingar a ideia de coletividade. Mas o tema permanece.

Atualmente vários cientistas americanos criam empresas para gerir suas descobertas; alguns ficam milionários. O conflito com a ideia de que tudo está sendo feito em prol da humanidade, ou mesmo da instituição, está posto.

A universidade, como a conhecemos, está com os dias contados? Um dos muitos sintomas sendo a pressão crescente pelo isolamento de zonas francas de comércio da informação; outro: a ênfase crescente no perfil de celebridades acadêmicas; por que haveria de acontecer apenas na mídia?

Dedico essas mal traçadas linhas a Zuzu Cascavel: uma mestra turbinada do Colégio de Aplicação.

O tema da coluna, portanto, não é apenas a situação de ensino, e sim a relação mais ampla do conhecimento com o capitalismo de antes e de agora.

Capitalismo de antes, no seio do qual, e muitas vezes a contrapelo, cresceram grandes narrativas de legitimação do saber – a defesa da pátria, da causa, a salvação do indivíduo, o progresso e até mesmo a emancipação dos povos.

Capitalismo de hoje, pós-utopia comunista, que passou a depender da venda e revenda de informação, descartando os grandes relatos.

É claro que o capitalismo ainda não teve tempo ou oportunidade de resolver o pequeno conflito moral dos seus métodos: a narrativa da propriedade, a permanência da miséria.

E é aí nesse ponto que o assunto fica confuso. A defesa da pureza do processo de tramar as coisas de forma conjunta, que chamamos

de ensino/aprendizagem, se apega como unha e carne aos grandes relatos, aos valores. Sem utopia, definha.

Seria tão bom se a grande narrativa do “dever histórico” humano ainda vigorasse. Teríamos o que dizer às professoras no momento em que entrassem nas salas de aula...

Do outro lado ganha força a ideia do ensino eficaz e do desempenho, que funciona aqui e na China. O capital liberta...

Poucos estão lembrados do aviso de Feyerabend: é preciso imunizar as pessoas contra todas as formas de educação sistemática.

Como é possível que um sistema universitário como o americano não tenha imunizado seu povo contra a miopia política? Como é que este artigo vai sair do labirinto que criou? Não sei, estou confuso.

Talvez ainda seja possível ir mudando o tema gradativamente para o milésimo gol de Romário. Vocês conhecem a língua do pê? Sabem o que é açaçá de milho branco?

Interrompa a leitura aqui, pois vou dormir e amanhã buscarei um caminho.

Acordei sem respostas para o dilema do ensino e da fome de utopia. Fui à casa de D. Conceição para gravar o CD com as músicas de candomblé de caboclo. Chegando lá, a gente se deparou com os caboclos de um lado, do outro lado todos os orixás, e no meio, bem grande, Jesus Cristo.

Foi aí que eu lembrei de Silviano Santiago. Ele diz que se por um lado a gente perde a grandiosidade daqueles relatos maravilhosos, a gente ganha em tolerância. Sai o “dever histórico” e entra a integração do cidadão em comunidades. Um diálogo da autenticidade com a precariedade.

O Brasil deve entrar na dança dos desenvolvidos e continuar periférico, ou deve ousar qualquer coisa de seu? Professor, espere, ainda não entre na sala de aula. Ouça!

Talvez o Brasil possa assumir a possibilidade de um desenvolvimento da pesquisa e da transmissão dos saberes com autonomia, monitorada constantemente. Mas isso só é possível com participação de toda a sociedade, e você tem um papel nesse desafio...

Agora pode entrar na sala, vá cantando “tindolêlê” e viva o caboclo Silviano.

Por uma crítica cultural verde...

Começo com o rompante epistemológico de Val Plumwood (1939-2008), reivindicando intencionalidade para a matéria, para a pedra, por exemplo, querendo fugir ou derrubar, dessa forma, o reducionismo instrumental da empreitada científica na modernidade.

Investe, portanto, contra as formas dominantes de racionalidade. São inadequadas para o desafio de uma visão crítica – verde. Será preciso caminhar na direção de uma nova abertura radical e confes-sadamente romântica, re-espirtualizando a matéria e o mundo, após o seu desencantamento pela ciência (dizia).

Talvez tenhamos que reeditar o poema de Drummond: Havia uma pedra no meio do caminho. Havia nada. Foi a pedra “quem” quis, de alguma forma, estar ali. Muda também a linguagem. A pedra no meio do caminho é parte de nós mesmos. Assim como o próprio caminho.

O rompante parece exagero, mas a realidade da destruição do planeta é bem maior. Ela desperta uma consciência aguda de que a racionalidade dominante acolhida pelo Ocidente na modernidade não valoriza a sustentabilidade.

Quanto mais racionais, no sentido de expansão das lógicas vigentes – racionalismo econômico e “imparcialidade científica”, felicidade americana, informação como mercadoria, sistemas políticos que protegem e isolam rigorosamente as elites da percepção das

consequências de suas ações, centramento no homem como paradigma moral, e outros –, quanto mais disso, mais inviável a vida no planeta.

E é aí nessa juntura que a ecologia encontra a cultura. Para Juca Ferreira, “a batalha pelo meio ambiente é uma batalha cultural”. Essa é uma formulação potente, e deve ser amplamente discutida, especialmente pela área da cultura. Até que ponto essa tal batalha cultural afeta a teoria crítica da cultura, na direção do tornar-se verde? Quais as suas práticas e projetos demonstrativos?

Se a batalha pelo meio ambiente comporta uma crítica da racionalidade dominante, então também deve engendrar uma análise da ingerência dessa racionalidade sobre os processos e vivências culturais. Caminham juntas no Ocidente, racionalidade e práticas artísticas? Esse é um terreno ainda não completamente explorado. Venho lendo com prazer o ensaio de Daniel Chua (1999) sobre o sentido da música instrumental na modernidade – como paraíso encantado.

De forma mais direta, podemos perguntar pela interface entre criação artística e sustentabilidade. A valorização da sustentabilidade exige uma análise crítica constante das escolhas culturais, colocando a interação entre arte, ciência, política e economia em foco. Nada fácil. Os ricos aceitarão discutir seu grau de riqueza?

Um princípio norteador de amplo espectro parece ser o respeito à força do desenvolvimento local. Do ponto de vista da cultura, os nossos “locais” são sinapses de fricção e até de namoro, entre a racionalidade dominante e as outras. A focalização dessa encruzilhada é tão importante quanto a utopia da absorção de carbono por vivências culturais – uma solução que juntaria potencial simbólico e instrumental numa só tacada.

A batalha cultural pelo meio ambiente já não se satisfaz plenamente com algumas soluções típicas: a arte como veículo para campanhas ambientais, gestos rituais e coletivos de purificação de rios,

ou mesmo com o compromisso de atuar sobre o aumento da consciência ecológica através da arte.

Tudo isso pode ajudar, envolve valores “isso quando não atrapalha, gerando uma autossatisfação precoce inibidora. A transformação almejada é bem mais densa. Mexe com as novas polaridades “norte/sul, centro/periferias, perde-ganha/ganha-ganha...”

Se é necessário redesenhar as cidades em ecovilas, então será também necessário redesenhar o ciclo da cultura, o que equivale a redesenhar a própria sociedade. E redesenhar sociedades não é tarefa simples – somos mais complexos do que nosso entendimento registra. E também não é um sonho novo. Porém, nunca foi tão pragmático.

Se o comunismo empacou em suas experiências nacionais, o nazismo era uma desgraça já no nascedouro, e se os frutos do capitalismo liberal não tornaram o homem mais humano (digo, mais pedregoso), talvez a percepção aguda da extinção o faça.

Talvez a relevância da destruição do planeta transforme a busca por uma teoria cultural verde em algo bem maior do que apenas uma paleta do leque de enfoques pós-modernos. Cresce o número de simpósios dedicados a esse desafio e o número de artistas que oferecem oficinas, instalações e vivências diversas. Como sempre, surgem propostas pseudo-radicais, propostas festivas, e aqui e ali algumas indicações de novos paradigmas.

Um exemplo interessante, mesmo que incipiente: o artigo de Anna Harley (1996) sobre uma possível ecologia da música como paradigma de pesquisa, centrando esforços na valorização do ambiente de criação do fenômeno sonoro, suas fontes físicas e sociais.

Outro dia ouvi duas músicas feitas do ponto de vista de um cacto – mostrando a fina reverberação do vento em seus espinhos. Acho que sempre desejei ser cacto!

O mérito é político

É uma bela frase. Pode muito bem ser aplicada às Olimpíadas, mas quando a ouvi ontem, saindo da boca de Boaventura de Sousa Santos, o foco era a universidade – ou seja, a consciência inevitável de que a suposta neutralidade do mérito é, na verdade, uma construção social, e, portanto, de ordem política.

A universidade vem de uma época em que ocupava o lugar único de centro de conhecimento – e de mérito por essa via. Vive hoje o desafio de reinventar-se a partir do diálogo entre conhecimentos que estão em todos os lugares. Isso sem perder a ternura e o *sex appeal*. Mais importante que os métodos – as pessoas.

O mérito não paira sobre os mortais como algo autônomo e neutro, sinônimo do que é bom, belo e justo – e olha que era tão edificante pensar assim. Essa flutuação do mérito, acima dos mortais, não passa de construção ideológica, tal como as franjas utilizadas pelos atores nos filmes americanos sobre Roma, nos 50/60, que Barthes tão inspiradamente denunciou em *Mitologias*.

Talvez seja um desvanecimento semelhante à percepção também recente de que a Música não existe – a Cultura não existe. Não existe como categoria, como algo que possa perpassar a experiência sonora do mundo – nem mesmo convocando todos os fraques da terra. Se existe, é como plural – as músicas –, reconhecendo a filiação de cada família sonora ao que cada comunidade de ouvintes reconhece como tal.

Erigir uma única ideia de música como parâmetro para o mundo, pensar que ela existe, que é uma causa, que deve ser ensinada, preservada, etc... Já é uma prática de flutuação ideológica, para usar a figura cunhada logo acima. Tal como o mérito, depende de quem a inventa, de quem a ouve.

De quem a põe ou quem a gala, para trazer para o baile o poema de Affonso Romano de Sant'anna sobre o povo. *Pode ser coisa viva ou ave torta. Se chamais povo, a marcha regular das armas, os uivos e silvos no esporte popular... Então mais amo uma manada de búfalos em Marajó...*

Desconstruídos mérito, povo, música, universidade e Olimpíadas, voltemos à China. Como lidarão os americanos com a ferida narcísica de que o mérito é chinês (caso se confirme a tendência do ouro)? Será interpretada internamente como necessidade de mudança, ou estimulará um apego ao último bastião conservador?

E qual a mensagem a ser reverberada mundo afora? O capitalismo oriundo de experiências comunistas é o mais robusto – o que lava mais branco? Concluirão os analistas que o traço mais importante mantido da experiência comunista foi mesmo a “revigoração” do milenar autoritarismo oriental?

A desconstrução do mérito é um desafio de grandes proporções para a humanidade. Vale observar que não se trata de uma mudança de paradigma, e sim de mudar a própria vigência dos paradigmas – deixar que flutuem, brincar de esconde-esconde... A experiência humana tem um encontro marcado com essa questão – e a defesa da diversidade como componente do humano é sua maior justificativa.

Como seria uma humanidade – universidade, educação, Olimpíadas, cultura e felicidade – sem a onipresença dos sistemas de recompensa? Como se firmariam as experiências sem esse fio de aço comportamental que as preserva e imobiliza?

Evidentemente, todas essas questões têm respostas e contra-respostas. O desafio permanece. Como garantir estabilidade para aquele velho princípio: De cada um de acordo com sua capacidade, a cada um de acordo com sua necessidade?

Mas isso não era essência do marxismo? Não, acho que era essência de Marx mesmo.

A violência como atrativo cultural

A menina tinha visões sobre quase tudo. Sabia, por exemplo, onde estava um pote de geleia feito no ano anterior – “está na prateleira de cima, junto da maionese, mamãe!” – disse, com o sotaque carregado do sul dos Estados Unidos. A mãe olhou preocupada para a filha. O pai, um tipo bastante acafajestado e preconceituosamente latino, foi logo tirando o cinto e submetendo a filhinha de 12 anos a uma surra impiedosa, ao vivo, para expurgar o diabo que lhe dava os tais poderes de ver as coisas e entrar na mente das pessoas. A mãe se encolhe num canto, olhando distante através da janela. Corta.

A coisa toda se complica e se enrosca no resto do filme. Sexo, violência, visões paranormais e outras tantas cafajestadas vão tecendo a narrativa absurda. No final, a menina acaba matando o pai, para depois descobrir que o vilão era outro. Mas tudo acaba bem, e ela feliz com o seu amiguinho de infância, jurando eterno amor.

Esse coquetel de violência e abusos faz parte do filme *Tormentos* – um nome mais do que adequado –, apresentado por um dos canais HBO, e nos leva a meditar sobre os caminhos da cultura do entretenimento em nossos dias, especialmente o papel da violência como atrativo cultural.

A julgar pelo filme, ficamos convencidos mais uma vez da grave doença social que aflige os norte-americanos, capazes de criar uma

rede formidável de universidades – as melhores do planeta – e ao mesmo tempo incapazes de gerar um espírito de educação humanizadora, como bússola civilizatória para o seu próprio coletivo e para o mundo em geral. Ou será, que mesmo formidáveis, as universidades capengariam na formação humanizadora dos seus quadros, em nome da competição e da soberania do mercado? Afinal, quais seriam mesmo os indicadores de excelência humanizadora numa universidade?

Paulo Francis anuncia o problema com todas as letras em 1966, comentando o livro *Um sonho americano*, de Norman Mailer. Para ele, o autor “apresenta um quadro do homem contemporâneo dos Estados Unidos, ou melhor, de sua desintegração em face da realidade que nega suas ilusões e pretensões de ser o centro de uma sociedade humanista”. Tudo isso a partir de um herói que assume as características da história de quadrinho, aliás, um recurso estilístico que se firmou ao longo das décadas, especialmente nesse cinema enlatado.

Mas se a sociedade americana está doente a fazer guerras, não se pode escapar do problema simplesmente estigmatizando-a, pois em muitos e muitos aspectos – bons e maus – tem sido apenas o lugar onde aparece uma tendência, que posteriormente se espalha pelo mundo. A doença americana acaba sendo também doença nossa, e esse quadro mais amplo é que parece ser o verdadeiro problema. Entre outras coisas, compartilhamos o mesmo continente e sistema econômico. E, além de tudo, temos outros males que nos são próprios.

O prazer da violência vai se tornando uma marca contemporânea inquestionável. A espetacularidade da violência atraída como protagonista frequente da sociedade do espetáculo. Mas por que a violência vem assumindo esse papel central de atrativo?

Ora, a violência sempre foi componente inquestionável da mente humana – na saga religiosa, no *pocket-drama* da família, na condição existencial de todas as gerações –, mas tudo isso parece que sempre foi emoldurado por visões culturais capazes de direcioná-la

para certos objetos, sem permitir que aparecesse com o destaque e a nudez dos nossos dias.

O descontrole dos nossos dias estaria ligado à pressão excruciante colocada sobre cada indivíduo, para que produza algo “original”, que seja vendável e que produza um nome, mercado e alguma fortuna? Tudo isso tomando sabe-se lá que média, que grau de felicidade e gozo como referência. Seria dessa violência básica e estrutural que todas as outras emanariam? O ego contemporâneo já viria formatado para a violência, nela se reconhecendo?

Nas tribos e comunidades de origem não era assim... E antes da invenção do indivíduo burguês em busca de emancipação também não era assim... Como transitaremos dos mitos de outrora, dados como realidade ancestral para o equilíbrio de todos, para os novos mitos solúveis e descartáveis, porém replicáveis em milhões e milhões de cópias?

Faremos a mesma conexão proposta por Baudrillard entre contemporaneidade e terror? Viveremos sobressaltados entre quatro fórmulas de politização – nacionalização, globalização, antiglobalização em rede e transgressão pelo crime organizado? O que fazer?

Pra início de conversa, rever o antológico filme *Laranja Mecânica* e sua inexorável exposição do tema.

Nas patas do desenvolvimento...

“A falência da miragem do desenvolvimento é cada vez mais evidente...”

A palavra desenvolvimento: curioso, traz em seu bojo a sonoridade dos laços ternos – envolver e envolvimento. Ponto. Seu uso poucas vezes leva a esta direção, mas a candura persiste de forma subliminar na promessa centenária de que liberdade, igualdade e fraternidade prevalecerão, desde que haja...

Certamente a culpa é do prefixo, que a faz caminhar em sentido oposto: des→envolvimento, ou seja, distância regulamentar com relação a qualquer coisa de seu.

Falada em italiano parece meio cômica: *sviluppare, sviluppo sociale*.

Preferida dos economistas – a propósito, existem economistas líricos ou só das espécies épica e dramática? –, pois, segundo se acredita, o mundo vai rodando nas patas da economia.

Em alemão, dois sentidos: *Entwicklung*, que tem a ver com uma certa organicidade, um crescimento de dentro para fora, ou *Durchführung*, que é mais um “conduzir através de...”. Ambos muito utilizados em música.

Lembrete: desenvolvimento em música é o trabalho de criação que acontece após a apresentação dos temas, em fugas e sinfonias.

Aciona uma sensualidade auditiva de fronteira, entre deduzir e descobrir. É, por isso, o lugar mágico das conexões inesperadas.

O conceito só se aplica à música posterior à Renascença. Falar de desenvolvimento na música gótica ou africana, só como “metáfora da metáfora”. Depende, dessa forma, do tipo de visão-de-mundo originada com a invenção simultânea da lei da gravitação e da tonalidade.

De um lado, o conceito de desenvolvimento mira na amplitude, visão sistêmica, escala ampliada. De outro, aponta para a elaboração das ideias, a minuciosidade.

Quem conseguiria introduzir a ideia clássica de desenvolvimento numa aldeia Yanomami sem arruinar quase tudo que eles têm?

Como miragem, o desenvolvimento é um construto ocidental. Sem o modelo de uma temporalidade que aponta para o futuro, e que molda as expectativas de transformação do presente, não se consegue reverberar ideias de progresso econômico-social.

Apresentado pela rede simbólica da mídia mundializada, o desenvolvimento acachapante – de felicidade padronizada, geladeira e fusquinha – aponta para a destruição não apenas dos Yanomami, mas do planeta como um todo.

Muitas culturas têm (ou tiveram) concepções temporais radicalmente distintas desse continuum que o Ocidente partiu em pedaços dentro de pedaços, dentro de outros pedaços, e elevou a status de realidade, contando e acumulando segundo a segundo. Por exemplo: para o Islã antigo, a duração contínua não existe; para uma boa parte da África, Bali (e muitos outros lugares), o tempo é cíclico e não direcionado para frente como uma miragem.

“...e em vez de se buscarem novos modelos de desenvolvimento alternativo...”

Vai ter que mudar o ideal de felicidade projetado por Hollywood e pelo *american way of life*. No final da estória tudo depende dos ide-

ais de felicidade a serem cultivados no mundo. A importância da percepção sobre a “felicidade do vizinho” já foi definitivamente estabelecida nessa equação. Como erotizar uma outra visão do que fazer com o tempo? Como ultrapassar essa expectativa tão enraizada de poderes e prazeres futuros?

Nada fácil. Há uma multiplicidade de gestos do sistema, desenhados como reforço da miragem do progresso/desenvolvimento. A manipulação da sensibilidade, por exemplo. Chego a me perguntar se a beleza corrente não seria um conceito interno à miragem do desenvolvimento – um autorreconhecer-se do *status quo*.

O desenvolvimento sustentável, que virou sinônimo de coisa politicamente correta, desatreia a produção de sua parte suja com relação ao meio ambiente, justamente para preservar o resto. O que garante com relação à sujeira do acúmulo de riqueza e desigualdade?

Uma coisa parece certa: cavalo, patas e desenvolvimento são imagens ou funções do tempo, e especialmente do modo de entender e representar essa entidade vivida.

Na China, a miragem do desenvolvimento tornou-se tão forte quanto a miragem anterior de comunismo. O país passou a competir com os poderosos do mundo em seus próprios terrenos, em nome de uma tradição de oposição que vai rapidamente perdendo seus principais fundamentos. Quem diria que as coisas caminhariam nessa direção bifronte?

Dá até mesmo para extrapolar um pouco, perguntando: Quando é que vai começar a guerra fria entre Estados Unidos e China? Já começou e está se projetando nos conflitos do Oriente Médio?

“...talvez seja tempo de começar a criar alternativas ao desenvolvimento”.

Boaventura de Souza Santos

Aceitamos cartas e sugestões sobre esses caminhos alternativos.

Vale a pena ler o artigo de Paul Singer – *Desenvolvimento capitalista e desenvolvimento solidário* –, publicado na revista *Estudos Avançados* (<http://www.scielo.br>). Outra ponta de possível resposta: o incremento da criatividade local e a criação de redes solidárias de trocas de experiência, com impacto sobre a produção.

Parafraçando Mário de Andrade. Nada pior do que uma miragem; nada melhor do que uma miragem: depende da eficácia (e da ética) da miragem.

Dois de Julho: Independência do Brasil (na Bahia)*

*Nasce o sol a dois de julho
Brilha mais que no primeiro
É sinal que neste dia
Até o sol, até o sol é brasileiro...*

*Nunca mais, nunca mais o despotismo
Regerá, regerá nossas ações*

Poucas pessoas fora da Bahia conhecem a força do 2 de julho. É uma falha enorme de informação histórica, pois trata-se do processo de independência do Brasil, e não da independência da Bahia, como até hoje muita gente fala. Uma coisa é dar o grito do Ipiranga, outra coisa é garantir pleno domínio sobre o território nacional.

Entre as duas pontas, uma guerra. A guerra da Bahia, onde brilhou o heroísmo popular, além de lideranças como Labatut, Lima e Silva, João das Botas, Maria Quitéria, entre tantos outros. Em carta a José Bonifácio, Labatut registra: “Nenhum filho de dono de engenho se alistou para lutar”. A consciência da possibilidade de uma nação surgiu de baixo.

Foram meses de luta, batalhas em diversos pontos do Recôncavo Baiano, sendo a mais famosa a de Pirajá, onde, segundo consta, o corneteiro Lopes decidiu a vitória tocando “avançar” quando havia sido instruído para fazer o contrário. Vitória brasileira.

Que espécie de sol é esse – “brilha mais que no primeiro”? Que espécie de chamado convoca e reúne cerca de 500.000 pessoas em Salvador a cada 2 de julho, há 184 anos, em torno de um cortejo, que na verdade é o espelho vivo de nós mesmos, uma construção existencial baiana, encontro e pororoca de atitudes culturais as mais distintas?

Na verdade, basta olhar o carro do caboclo para exemplificar o que é mesmo diversidade: tem lança de madeira apontada para um dragão, cocar, muitas penas, armadura de ferro em estilo medieval, baionetas, anjinhos barrocos, placas com nomes de heróis, colares diversos, alforjes, bandeiras, folhas e mais folhas, entre outras tantas coisas.

Não é uma festa para se ver pela televisão ou para entender através da mídia. Não adianta focalizar em momentos, mesmo que solenes e oficiais, reunindo poderes constituídos e povo. É uma festa para participar. Só sabe do que se trata quem vai lá, quem sente a emoção fluindo, quem vê o interesse do povo em festejar e manter a tradição, desde a alvorada, no largo da Lapinha, até o Campo Grande.

No meio de tudo isso a figura inesquecível de Maria Quitéria, uma mulher que se fez soldado, e que foi oficialmente aceita por D. Pedro I como membro do Exército Nacional, com direito a ostentar sua insígnia pelo resto da vida. Lutou bravamente, desafiou a todos, inclusive ao pai, que a queria longe da luta.

Segundo a historiadora inglesa Maria Graham, que deixou registrado um perfil da heroína, a moça era bastante feminina, ninguém duvidava de sua virtude mesmo depois de meses de acampamento com os homens. Gostava de comer ovo ao meio dia e peixe

com farinha no jantar. Fumava um cigarro de palha após as refeições. Entendia as coisas com rapidez e naturalidade. Depois da guerra, voltou para sua terra, casou-se e teve uma filha. Entrou em Salvador acompanhando o General Lima e Silva e foi agraciada com uma coroa de flores no Convento da Soledade.

É mesmo impressionante verificar que o espírito de 1823, da entrada triunfante de nossos combatentes e da visão libertadora compartilhada pelo Recôncavo e pela Cidade da Bahia, tenha sido preservado durante todo esse tempo, e que ainda continuará dessa forma por muitos e muitos anos. Qual o segredo da longevidade?

Não existe segredo. Enquanto a população sentir que o 2 de julho lhe pertence, haverá 2 de julho. E, portanto, para falar disso que emana da festa, devemos esquecer os chavões do civismo, aquela noção de bandeirantes fardados e perfilados, pois o território do nosso civismo é outro – é mais caboclo. E não é território de exclusão, celebra caboclo e cabocla. Portanto, entre folhas, armadura, dragão e celebração o que emerge é o próprio território cultural da Bahia. Território matriz que não está interessado em meros separatismos, e sim na invenção de uma nova ideia de coletivo.

Na verdade esse civismo de pertencimento, que não depende de efigias gregas, máximas latinas ou princípios positivistas (mas que também não os rejeita), se realimenta a cada ano com a própria participação dos atores e autores populares, os quais garantem permanência à celebração, simplesmente por se sentirem parte dela.

Muito antes do atual discurso sobre inclusão, lá estava o símbolo pronto de um País, o qual só lentamente vai se aproximando da densidade da construção simbólica de origem. Coisas que eram apenas vetores em 1822-23 foram aos poucos virando realidade – abolição, república, protagonismo feminino...

Na verdade, na verdade, o mais bonito é pensar que o 2 de Julho é o nosso destino, e que certamente um dia estaremos plenamente à altura da força e dignidade que evoca e constitui.

* Fórmula proposta por Luis Henrique Dias Tavares, ilustre pesquisador baiano.

Um bonde chamado cultura e seu intrigante destino

Trata-se de jornada necessária, porém de resultado incerto. Como é que se lida com pergunta tão abrangente? Por outro lado, um questionamento oportuno. Quando se fala em gestão da cultura, o que é mesmo que estará sendo gerido? E, sobretudo, pra onde vai?

O modelo de gestão cultural de poucas décadas atrás – em que a ênfase era basicamente o trato com as chamadas linguagens artísticas através de seus criadores – parece não dar conta dos novos desafios. Que desafios são esses? Ora, a espinha dorsal é a consciência de que cultura é um direito de todos, e de que sua gestão deve lidar basicamente com a plasmação de políticas públicas. Ao retirar o foco exclusivo do apoio às linguagens através de seus criadores, esse novo paradigma afeta uma série de configurações estabelecidas em vários níveis. Afirmar que zezinho-da-esquina e Villa-Lobos são igualmente merecedores de atenção das políticas públicas de cultura, pode parecer um assombro. Não é.

A ideia de que cultura é direito de todos colide com a concepção de cultura como torre de marfim? A palavra cultura tem uma trajetória e tanto, da raiz latina à metáfora do cultivo de qualidade, da noção francesa de *civilization* à raiz germânica da *Kultur*. E desse contraponto entre qualidade internacional e raiz comunitária até os nossos dias, passando por toda a façanha da descoberta do “outro”,

idealizado no romantismo, configurado no folclore, problematizado pela via da antropologia, projetado em alguma grande narrativa pela via da vanguarda através das “linguagens”, ou, de forma mais recente, relativizado a partir da multiplicidade dos estudos culturais.

Pela via do consumo, as mídias internacionalizadas já dirigem um apelo agressivo a todos os consumidores (não mais cidadãos). Os gestores locais e regionais devem aceitar de forma preliminar a limitação de sua ingerência – afinal, os cardápios culturais são planejados nos “centros do mundo”. Precisarão trabalhar necessariamente pelo caminho da mediação e da resistência. Só isso – a necessidade de imunizar as pessoas com relação ao potencial destrutivo desse mercado internacional centralizador, sem cidadania e sem consciência de identidade – já justifica a noção de cultura como política para todos.

A nova centralidade da cultura, e sua abrangência necessária, não são, pois, questão de fino trato, escolha de um estilo de gestão, ou populismo. É questão de sobrevivência mesmo, porque o mundo culturalizou-se em produtos e lucratividades e esse processo ameaça esmagar identidades, cidadanias e, portanto, a própria cultura. O reverso só pode ser algo que trafegue pela via do conhecimento estratégico e da informação – empoderamento. Onde, a necessidade de reconfigurar o padrão de gestão. Se cultura é direito de todos, não é com zero vírgula alguma coisa do orçamento que se dá conta disso. Abaixo o modelo da ameixa do pudim que a tecnocracia tanto reverencia.

Além de tudo isso, vale lembrar que estamos no Brasil. Ocorre que zezinho-da-esquina é um mestre das tradições de Angola, tocador de n’goma, ou dança muito bem o Maracatu, ou veio de uma reserva indígena, ou veio do Japão. Esse viés exige pelo menos duas consequências: 1) o conceito de cultura não pode ser entendido apenas pela via do Ocidente; 2) é preciso conceber o sistema cultural como uma interação contínua entre várias dimensões.

A trajetória conceitual de cultura pela via do Ocidente bate de frente com modos de vida (e conceitos) que vêm de outras quadras do mundo – e que, no caso indígena, aqui já estavam. Quem já participou do preparo de um caruru sabe que a dimensão cultural do evento comunitário é qualquer coisa bem distinta de sentar em um auditório para “espectar” qualquer coisa. Há na música dos Kamaiurá uma musicologia autóctone, são produtores de teoria, afirma Rafael de Menezes. Não é, portanto, que a experiência africana ou indígena enriqueça a paleta cultural brasileira. Elas se oferecem como possibilidades de reconfiguração do todo, inclusive das políticas públicas.

Olhando para uma cidade da dimensão de Salvador (e o mesmo vale para tantas outras), precisamos admitir que alguns de seus melhores momentos culturais tiveram origem justamente na interação e mistura entre três domínios básicos: 1) as tradições letradas de todas as linguagens artísticas – aí incluídos os processos de formação em escolas e conservatórios, os códigos de bom gosto em permanente namoro com as elites internacionais; 2) o impulso (muitas vezes violento) na direção da formação de mercados para tudo que for possível vender como produto cultural, através de mídias; 3) e, espalhada por centenas de microcomunidades, a memória de ancestralidades diversas, principalmente africanas, cuja situação atual já é o resultado de uma série de interações. Como mergulhar nesse caldeirão de narrativas produzindo efeitos positivos?

O Ministério da Cultura do governo Lula avançou na defesa de uma concepção abrangente de cultura e desenvolveu metodologias específicas para lidar com as diversas situações surgidas no processo – o Programa Cultura Viva (Pontos de Cultura), a discussão nacional das prioridades (Conferência Nacional de Cultura), as Câmaras Setoriais, a luta por verbas mais decentes para o setor, entre tantos outros temas. Estão aí como referência para todos os futuros gestores.

No meio de todo esse processo de reconfiguração, duas questões especialmente importantes merecem destaque: 1) a discussão da relação do modelo da abrangência com a riqueza mais específica de todos os criadores oriundos das “linguagens” (algumas vezes parece que artes e cultura já não são uma mesma tribo); 2) a relação estruturante entre cultura e educação, tomando a escola como equipamento cultural estratégico e desenvolvendo um modelo à altura do País e de sua cultura (quanto dos 25% da educação deveriam ser gastos em cultura?).

*Escrita em outubro de 2006

O imaginário das cobras

estou digitando com a mão esquerda
pois torci a direita
e não é que o pensamento muda!?
digitar também é pensar
tudo isso remetendo aa seciular distinção entre consciência e corpo
alma e corpo, mas pelo visto aquilo que digita interfere e cria
o fato é que temos esse vai e vem entre o co5rpo e sua simetria
bilateral
entre as periferias e o centro do corpo, seja lá onde ele esteja...
em que ponto da escala evrolutiva surgiu a simetria bilateral?
em algum verme axatado que desfila no fundo do mar?
ou berm antes, quando a bláshtula (esfrerica) colapsou em gástrula
(ferradura)
e criou um dentro e um fora
mas a pergunta é muito evasiva
em que ponto surgiram as pernas e a junção das pernas?
Porque data desse momento o imaginário (animal?) do entorno
das cochas
a sexualidade do encontro das pernas,
aquilo que no Brasil passamos a chamar de “bunda”

pois no original eram apenas ancas, e dizem que alguns escravos
m'buna
deram origem ao termo, até porque ass tinham avantajadas,
e subindo ladeiras e ladeiras na Bahia... não podia ser diferente
mas a questão não é etimológica e sim topográfica
os Mem,bros e sua junção construindo a ideia de centro
(no caso dos braços, levam ao coração...) mas também ao sovaco
e dizer que tofda (ufa desculpe a digitalção) a sexualidade passou a
depender dessa espécie de fetichismo, de gozar dos prenúncios da
coisa
como seria a sexualidade, o imaginário das cobras que
não têm pernas?
cobra tem bunda?
ea as formigas? bundinha de formiga, bundinha de elefante...
(já está claro que tomei algo parecido com o remédio da Vanusa)
e não vou aceitar nem na cjhina que bunda seja entrelugar
e não vou m'preocupar com o estilo Du texzto porque
estou me inspirando no estilo dos aautores aí de baixo (comentários
digitiais)
podem vir qaente que estou fervendo... kkkkk
e a "sabredoria" q despejarem ai será eyternizada na internbet
me desculpem os finos
meu amigo sempre observa na livraria do aeroporto de são Paulo
de um lado as revisrtas eróticas americanas cjheias de peitos
do outro as brasileiras qé bunda só... como explicar isso?
a questão é cultural e é isso q justifica nossa reflkxão
sobre o assunto
se houvesse alguma

para alguns analistas da cuiltura, tudo foi questão de clima
nos climas quentews o sul do corpo fica mais exposto
e a gordura acumulada nos fundilhos é medida da fertilidade
já no frio fica tudo mais escondido
e a mulheridade é mais perceptível por cima, pelos seios
quanto à cabeça, não tem pernas, nem braços
mas tem orelhas, e esdsas também têm o seu q de sexualidade
basta tocar, tem buraco e arrepio
tem umas tribos nos mares do sul (ou do norte?) que ritual de
acasalamento
começa e acaba com um esfregação de orelha na orelha
e olha que isso não entra na lista daquele prefeito safado,
que pretendia taxar os amassos da pracinha: a mão naquilo
(10 reais), aquilo na mão (20), aquilo naquilo...
entórei por umq porta e say pela outra

Caminhos da Análise Musical

Creio que merece atenção especial o processo de *diversificação* um tanto vertiginosa dos enfoques – tipos de discurso – em teoria da música e análise musical. De um passado relativamente recente, onde havia uma certa estabilidade e hierarquia, com poucos enfoques ocupando a cena principal, estamos migrando para um campo de grande diversificação, com aspectos e perspectivas inovadores, agrupando pesquisadores em torno de si.

Para a formação em música (especialmente a pós-graduação) essa situação traz desafios novos. Por exemplo: o impulso de especialização em geral exige um mergulho demorado num determinado contexto até que o estudante-pesquisador possa chegar ao lugar onde se está produzindo coisas novas. Esse impulso na direção do específico acaba se associando à dificuldade de acompanhar a proliferação de discursos e métodos. Produz um efeito de cegueira muito especial.

Ora, não acredito em especialização sem visão do todo. Acho que é engodo. Mas até quando será possível defender uma visão do todo? Por isso me distraio colecionando essas “janelas” ou “horizontes temáticos”, que são basicamente anotações para lembrar a mim mesmo e a meus alunos direções importantes a seguir.

Um outro problema bem distinto também ocorre. Essa multiplicidade de soluções analíticas acaba gerando muitas vezes o aluno ou leitor-borboleta – quiçá o professor-borboleta. Ele leu pequenos

pedaços de muitas teorias, mas não consegue conceber nada em profundidade.

Na lista apresentada abaixo, não esperem o rigor ou abrangência das tradicionais referências bibliográficas. Optei por nomear cada “horizonte”, mencionar alguns dos conceitos envolvidos e citar poucos autores (por exemplo... fulano) – mais para provar a existência da área do que para mapeá-la com alguma precisão. Embora esteja listando aí mais de cem autores, isso é apenas uma pequena fração do contingente envolvido – afinal, é só um apontamento.

Os horizontes temáticos (ou janelas) não são estanques. Elas se tocam, se misturam e mesmo se interpenetram de diversas formas. A diversificação acaba aumentando essas áreas de contato. Isso significa que os limites entre os diversos enfoques será potencializado como áreas de criação e de hibridação. Vai ficando evidente que outras formas de classificar e apresentar o material poderiam ser desenvolvidas.

Há certamente algumas direções que ainda não estão registradas. Dentro em breve estarei publicando uma lista maior ainda – possivelmente. Mas há também uma tendência a cristalizar novos temas de síntese, que reúnem numa só direção contribuições de várias áreas.

Áreas que crescem muito, como é o caso das análises cognitivas, tendem a absorver uma série de conteúdos de áreas mais antigas. Um exemplo clássico é o de Fred Lerdahl e Jackendoff (GTTM), que reuniram num único esforço a teoria do ritmo, análise Schenkeriana e árvores linguísticas, tudo isso em prol de um enfoque cognitivo. Foi em 1983, muita água já passou embaixo da ponte.

Por que isso está acontecendo com o universo da teoria e análise musical? Essa é uma boa pergunta. Certamente nos fala de uma insatisfação com o “estado da arte” anterior. Segue, portanto, o rumo da maré pós-moderna? Isso nos fala também da possibilidade de criar

áreas e subáreas com relativa facilidade. Exagerando, podemos falar em modismos e ondas. Portanto, uma fluidez dos conceitos, critérios e valores? São os tempos líquidos de Baumann afetando a teoria da música?

E o que devemos esperar para os próximos anos? A expansão vai continuar ou vai haver uma reordenação capaz de restaurar um ambiente de estabilidade hierárquica direcionada?

Horizontes Temáticos (*nada de referências formais, não quero estragar a crônica mais ainda*):

1. *Teoria e musicologia tradicionais*

(projetadas nos cursos de graduação)

tags: análise harmônica; forma; estilos; contraponto; etc...

Em uso pedagógico: S. Kostka; D. Green; Grout, Fux; etc...

2. *Análise Schenkeriana*

tags/conceitos: redução; prolongação e estrutura; Ursatz; Urlinie; Kopfton; etc...

por exemplo: H. Schenker; F. Salzer; A. Forte; D. Beach, etc...

3. *Análise Motívica* (e Grundgestalt)

tags: motivo; basic shape; Grundgestalt; developing variation; etc...

por exemplo: A. Schönberg; R. Reti; D. Epstein; Pearsall; P. Lima; N. Dudeque; etc...

4. *Teoria pós-tonal* (e enfoques “congêneres”, tais como GIS, contornos, etc...)

tags: conjunto de classe de notas; operações; módulo 12; espaço; etc...

por exemplo: M. Babbitt; A. Forte; D. Lewin; R. Morris; J. Rahn; J. Straus; M. Friedmann; M. Sampaio (contorno)

5. *Teoria do ritmo* (e temporalidade)

tags: hipermétrica; acento; grouping; proporções; temporalidade; etc...

por exemplo: Leonard Meyer; Fred Lerdahl; J. Kramer; J. Lester; C. Hasty; etc...

6. *Teoria da composição* (teorias sobre o processo do compor)

tags: o processo do compor; sistema-obra; problema composicional; limites; bottom-up vs top-down; ciclo composicional; etc...

por exemplo: A. Schönberg; I. Stravinsky; Babbitt; Cage; Wolpe; H. Brün; O. Laske; R. Reynolds; S. Blum; E. Widmer; W. Oliveira; R. Tacuchian; F. Cerqueira; J. Oliveira; W. Smetak; A. Cunha; R. Caesar.

7. *Análise musical e semiologia/semiótica, narratividade, semântica; música e texto; música e literatura; intertextualidade*

tags: signo musical; narrativa; modelo tripartido; plot; dialogicidade; etc...

por exemplo: Nattiez; Molino; Tarasti; Lewin; Karl; Kristeva; Agawu; Souza Correa; etc...

8. *Perspectivas analíticas trazidas pela “new musicology”, criticism, post-modernism, new historicism, post-colonialism, post-structuralism*

tags: feminismo; gênero; patriarcalismo; crítica dos cânones; ópera e desejo; protagonista da composição; música absoluta; etc...

por exemplo: McClary; Lawrence Kramer; Kerman; Treitler; Agawu; Eagleton; Chua...

(aqui, um verdadeiro saco de gatos de tendências diversificadas...)

9. *Análise e Cognição*

tags: “formal description of musical intuitions”; well-formedness and preference rules; formal Grammar; conceptual models; blending; categorization; paths; mental images;

por exemplo: Meyer; Narmour; Deutsch; Lerdahl e Jackendoff; Zbikowski; Brower; etc..

10. *Enfoques comparativos; estilo; tradições populares; música popular*

tags: estilo; transcrição; cantometrics; estatística; etc...

por exemplo: N. Cook; Kassler; Meyer; M. Herndon; Nettle; A. Lomax; P. Escot; Middleton; A. Lühning; M. Ulloa; etc...

11. *Sociologia da música*

tags: historicidade; dialética; música e sociedade

por exemplo: Max Weber; Adorno; H. Becker; R. Peterson

12. *Fenomenologia aplicada à música*

tags: time; space; feeling; play; “excesso de teoria”; experiência; percepção

por exemplo: Merleau-Ponty; Dufrenne; P. Clifton; A. Ferrara

13. *Música e movimento; Energética*

tags: musical forces; gravity

por exemplo: E. Kurth; L. Rothfarb

14. *Análise e gesto*

tags: musical thought is grounded in embodied experience; gravity; magnetism; inertia;

por exemplo: Hatten; Lidov; Larson; Anthony Gritten; E. King; Monelle; London

15. *Análise neo-Riemanniana* (arose in response to analytical problems posed by chromatic music that is triadic but not altogether tonally unified)

tags: “triadic post-tonality”; common tone maximization; parsimony relations; toggling;

por exemplo: H. Riemann; D. Lewin; B. Hyer; R. Cohn; Weitzmann; Klumpenhouwer; P. Dias.

16. *Análise de música eletrônica*

tags: sound sources; espectrogramas; espacialização; layers

por exemplo: M. Simoni; N. Adams; L. Zattra; R. Caesar; M. Chion; C. Gubernikoff; S. Ferraz

17. *Análise do timbre; análise e acústica* (inclui música espectral)

tags: análise e síntese de sons dos instrumentos musicais; análise do sinal musical; síntese aditiva; spectral envelopes

por exemplo: J. Beauchamp; J. Brown; J. Hadja; D. Mirka; T. Murail; G. Grisey; J.A. Mannis.

18. *Análise e interpretação*

tags: análise como performance e vice-versa; performance direcionada pela análise

por exemplo: W. Berry; N. Cook; D. Santiago

19. *Música e psicanálise*

tags: “objeto transicional”; sublimação; identificação; superego selvagem; pulsão invocante

por exemplo: Freud; Sterba; Anzieu; Kohut; Didier Weil

20. *Análise musical e filosofia*

tags: “música e platonismo”, “música e nominalismo”, “música e representação”, sem falar nos enfoques diretamente derivados de algum pensador, p.e. Wittgenstein; Deleuze; Merleau-Ponty; entre outros.

por exemplo: L..Goehr; P. Kivy

21. *Análise de música para filme* (audiovisual)

tags: diegesis and non-diegesis; control precedence; situational meaning; apparent reality; change; closure

por exemplo: C. Austin; A. J. Cohen; G. Burt; F. Kaarlin; R. Prendergast; J. Tobias

22. *Neuromusicologia*

tags: artificial neural networks; neural processing of complex sounds; musical imagery; neurobiology of harmony perception; music centers in the brain

por exemplo: Tramo; I. Peretz; R. Zatorre; J. Brust; E. Altenmüller

23. *Análise e computação* (computational musicology)

tags: algoritmo; representações da partitura; creation of systems to assist the analyst; implementation of analytic system; repertoires in machine readable base.

por exemplo: L. Hiller; Bo Alphonse; O. Laske; D. Cope; I. Bent; Camilleri; P. Kroger; Baroni

24. *Teoria da textura; Orquestração*

tags/conceitos:densidade;progressionandrecedssion;tipologia;
ritmo textural

por exemplo: W. Berry; L. Ott; R. DeLone; W. Gomes

25. *Hibridações e novos emergentes*

Há uma tendência crescente a desenvolver enfoques que se apoiam em mais de uma das áreas citadas, em busca de novas sínteses conceituais abrangentes

tags: segmentação; motivo em Schenker

26. *Meta-análise*

tags: “famílias analíticas”; análises poéticas; análises estéticas;
método eclético; epistemologia da análise

por exemplo: J. Nattiez; K. Dahlhaus; N. Cook; A. Ferrara

Três Natais

Anoiteceu. O sino gemeu. (Então, os sinos gemem!)
E a gente ficou, feliz a cantar

Essa abertura homenageia José de Assis Valente, baiano de Santo Amaro, nascido no dia de São José: 19 de março de 1911, dia de plantar milho, como sempre ouvi na infância. E o milharal do Valente deu de tudo, de *Camisa Listrada* (“vesti uma... e saí por aí”) e *Brasil Pandeiro* (“está na hora dessa gente bronzeada...”), a esse verdadeiro hino do Natal.

O início é quase um badalar de sinos, como se o fole de uma sanfona gigante estivesse se abrindo. O gesto inicial cresce e explode na última sílaba:

Anoiteceu: sol-lá-si-dó (o gesto melódico impulsiona até a chegada)

Mas pensando de trás pra frente, depois da canção ouvida, vamos perceber que aí já havia uma espécie de travo, porque essa palavra não costuma ser tratada com tanto destempero e euforia. Geralmente convida alguma circunspeção e até uma certa melancolia.

Mas não nesta canção; aqui temos de abrir os pulmões e nos unirmos numa vivência eufórica, que aliás se repete na segunda estrofe, dessa vez com o símbolo maior da festa: “Papai Noel, vê se você tem...”. Mas aí a curva se encrespa, pois o que pedimos é simplesmente a felicidade.

E esse jeito maravilhoso de pedir: vê se você tem... Num só gesto, toda a ingenuidade infantil e toda a matreirice de quem sabe da impossibilidade do pedido. A impossibilidade mais real possível, mais desejada possível, em suma, a impossibilidade mais possível.

No desenrolar da canção, Papai Noel vai virar um motivo cromático (sol-fá#-fá) e vai deixar nosso coração apertado com essa criança que pensa que talvez ele tenha morrido... (“já faz tempo que pedi, mas o meu Papai Noel não vem...”).

Na verdade, a canção de Assis Valente é um monumento à ambiguidade e ironia. Se alguém, meio deprimido, sonhasse em destruir a ideia de Natal, o ponto mais radical imaginável seria dizer que Papai Noel morreu, e que, além disso, felicidade não existe. É exatamente o que a canção diz, só que colocando isso na boca de uma criança, o terror passa meio despercebido e pode até virar celebração.

A euforia ressurgue e acolhe tudo, tudo, tudo num só pacote de presente vermelho e verde. Eis um primeiro Natal. Nele o poeta evoca uma dobradura que marca a vivência milenar da incomensurabilidade entre o desejo e a vida.

Fosse Jorge de Lima (1893-1953), e diria com muita finura de espírito:

Era um natal. E um poema de alegria
Escrito pela mão que se iludia

Aqui, reúne num mesmo gesto a alegria do encantamento e sua fina desconstrução. Pode estar comentando um natal específico, mas sem dúvida sugere que a ilusão é componente indispensável de todos eles – “eu pensei que todo mundo fosse filho de Papai Noel...”, diria Assis Valente no primeiro Natal –, a ilusão como componente indispensável do prazer, espinha dorsal da realidade.

Mas Jorge diz isso com tanta ternura! Seu paradoxo funde encantamento e desencantamento num mesmo fôlego, conteúdo e forma, rima e pirueta. E a culpa não é de ninguém, só da mão. Essa mão

que se ilude, mão lúdica, mão boba, que se agarra no próprio ato da escrita, ao prazer que sabe ilusório. E vai adiante:

E nele havia dádivas do dia
E nele havia sinos acordados;

E havia tudo o que se espera
Com seus anseios sempre contrariados;

Só lhe faltava o que ninguém sabia
Porque ficara n'alma o que fizera.

O poeta cobre a dobradura entre desejo e impossibilidade com outra muito mais profunda e misteriosa. O que falta (e que realmente importa) ninguém sabe, ficou na alma. Ficou no inconsciente, na essência, naquilo que mal discernimos, ou qualquer desses nomes. E esse é meu segundo Natal. Com ele, unido a um dos meus melhores personagens, comungo.

O terceiro não deixa pedra sobre pedra. Fico arisco e desafio qualquer coisa com a lavra de Pessoa:

Nasce um Deus. Outros morrem. A Verdade
Nem veio nem se foi: o Erro mudou.
Temos agora uma outra Eternidade,
E era sempre melhor o que passou.

Cega, a Ciência, a inútil gleba lavra,
Louca, a Fé vive o sonho do seu culto.

E assim vai: felicidade, eu pensei que fosse uma brincadeira de papel. E tal como a poesia, talvez seja.

Feliz Cheiro Novo!

Retrospectivas de fim de ano – quem aguenta o ritmo meio alucinado das imagens, ou a fúria desconexa dos sons que as acompanham? Quantas vezes já vi as torres gêmeas desabarem?

Parece que a vida do planeta está sendo vasculhada de ponta a ponta, mas nem de longe – só aparecem as bolhas que vieram à superfície, e assim mesmo sem tato, sem gosto e sem cheiro.

Fico pensando numa retrospectiva do olfato: quais foram os cheiros marcantes de 2009? Pense com carinho: num piscar de olhos vai surgir em sua mente a representação inesquecível (*e não esqueça de me avisar, quero colocar na próxima crônica*).

E não vale dizer que foi o cheiro de pizza que vem do Distrito Federal, porque, além de ser metáfora, deve continuar em 2010.

Talvez tenha sido simplesmente a camisola de sua amada, porque, sabia?, as mulheres mantêm a família unida através do cheiro (quem me disse isso foi um ilustre pesquisador de hormônios).

E, além disso, o nariz é só um promontório – quem cheira mesmo é o cérebro. É contato imediato com a catanga ou com a alfazema.

O olfato merece. Não foi globalizado como a imagem, é apenas local. Se em cada cena de violência minha sala cheirasse a sangue, teríamos uma televisão melhor.

Deve haver celebridades com mau hálito, mas nem temos a chance de descobrir. Fora da rede, o olfato, que é tão real e impactante,

funciona como peça do imaginário – sempre alimentou a magia do perfume e da gastronomia. Pode a garota de Ipanema cheirar mal?

Osama Bin Laden tem cheiro de bode ou de sândalo? Ah, meu Deus, como será que cheirava a Lady Di? E Ernesto Che Guevara, como traduzia revolução em aroma?

E os nossos cheiros históricos? Deodoro, Getúlio e o peixe vivo do Juscelino? Maria Quitéria (heroína da independência) e a Princesa Isabel? O cheiro juvenil de Castro Alves. O cheiro da fumaça do charuto de Villa-Lobos?

O cheiro de Julia Roberts, Richard Gere, Tom Cruise (sei não, viu?), Madonna, Chico, Roberto e Rita Lee... Tenho certeza que Rita Lee tem cheiro dos mais agradáveis, mas como posso ter certeza se nem a conheço?! Questão de fé (lança perfume!)

Não posso deixar de registrar a emoção inesquecível daquele arroz com manteiga que comi certo dia. Pois não é um fato?: menos (é) mais...

E aquele ator português dizendo “que cheiro de papel rasgado!”, lembram da velha piada?

Ou o cheiro de poluição química que rondou por aqui na janela do oitavo andar de Luane – e o Pólo fica a 100km –, mas, pasmem, tinha havido sim um grande vazamento.

Somos uma cultura que transformou o cheirar em carinho. Os barqueiros do Rio São Francisco cantavam uma curiosa canção:

Essa nêga entrou na roda oi má

Pega esse nêga e chêra!

A avidez do pegar vai suavizada pela ternura do cheirar. Quem poderia esquecer de Jackson do Pandeiro ou Gil:

Vem morena, vem, vem, vem, me beijar...

Dá um cheiro ô, pra esse medo se acabar... a Ema...

Mas tudo isso vai mudar muito em breve. Tendo ficado na borda da revolução digital, agora o olfato é a bola da vez. Vem aí um celular que transmite cheiros, aproximando do seu nariz o cangote da amada, ou o bafo daquele contraventor no presídio...

Além dos toques, será necessário escolher cheiros:

canela, maçã verde, incenso, maresia

cheiro de mato, de chuva, de alecrim,

cheiro de mofo, de barata (só pros meninos ficarem dando trote)

de café, de baunilha, de papel americano

de éter, de molho de pimenta (com limão), de pólvora

cheiro de moqueca, de dendê, pãozinho de queijo, churrasco

esmalte de unha, borracha queimando, gasolina de avião...

A julgar pelos sabores artificiais – tão pesquisados e não conheço um que preste –, já estou ficando com medo desse novo mundo digital dos olfatos.

2012, por favor, cheire a jasmim natural e pegue leve.

Colofão

Formato	16 x 23 cm
Tipologia	Garamond Premiere Pro 11/24pt
Papel	Alcalino 75 g/m2 (miolo) Cartão Supremo 300 g/m2 (capa)
Impressão	EDUFBA
Capa e Acabamento	Cian Gráfica
Tiragem	500 exemplares

Salvador, 2012

Ao compositor, as batatas! Se faz música, está envolvido em linguagem — está fazendo linguagem, mesmo quando não sabe disso. A música pura morreu, antes ela do que eu.

São invenções essas crônicas e ensaios, a duas vozes, a minha e a de quem imagino poderia estar me ouvindo. Um jogo de sentido e de recepção. Não é isso linguagem que você quer da gente, essa suave capacidade de despersonalização personalizadora?

Uma homenagem especial ao Jobim das 'Águas de março', Caymmi de 'Fiz uma viagem' e Ataulfo de 'Amélia', que faz 70 anos de criação. As perspectivas se alargam: um passeio pelo ambiente do Shopping e sua fenomenologia, os novos egos, pedagogias bizarras e muitas outras viagens...

Caro leitor: nada de piparotes, pago-lhe com um acorde de sétima e nona com quinta diminuta na subdominante da subdominante da subdominante e adeus.